



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

DIÁLOGOS, SABERES E TÉCNICAS EXTENSIONISTAS:

Uma *inter-ação* no Assentamento Rural Canaã-DF

BRASÍLIA-DF
AGOSTO DE 2019

LAYLYEE PAULA GALVÃO

DIÁLOGOS, SABERES E TÉCNICAS EXTENSIONISTAS:

UMA *INTER-AÇÃO* NO ASSENTAMENTO RURAL CANAÃ-DF

Trabalho de monografia apresentado para conclusão do curso de Pedagogia na Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de graduada.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Tereza Reis da Silva

LAYLYEE PAULA GALVÃO

DIÁLOGOS, SABERES E TÉCNICAS EXTENSIONISTAS:

UMA *INTER-AÇÃO* NO ASSENTAMENTO RURAL CANAÃ-DF

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a. Dr.^a. Ana Tereza Reis (FE-UnB)
(Orientadora)

Prof.^a Dr.^a. Fátima Lucília Vidal Rodrigues (FE-UnB)
(Titular)

Prof.^a Daniela Barros (PPGE/FE/UnB)
(Examinadora)

Prof. MSc Saulo Pequeno (PPGE/FE/UnB)
(Suplente)

Aprovado em: ____/____/____

Às vezes, ou quase sempre, lamentavelmente, quando nos perguntamos sobre a nossa trajetória profissional, o centro exclusivo das referências está nos cursos realizados, na formação acadêmica e na experiência vivida na área da profissão. Fica de fora como algo sem importância a nossa presença no mundo. É como se a atividade profissional dos homens e das mulheres não tivesse nada a ver com suas experiências de menino, de jovem, com seus desejos, com seus sonhos, com seu bem-querer ao mundo ou com seu desamor à vida. Com sua alegria ou com seu mal-estar na passagem dos dias e dos anos.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

À minha querida mãe, Dona Mariquinha. Maria Benedita Galvão (*in memorian*) fonte de inspiração e coragem, e meu refúgio amoroso quando aqui estive.

Aos meus doze irmãos, Josué do Carmo, Toni Elder, Orlando Nereu em especial à Leila Maria (*in memorian*), José Iladimir (*in memorian*) Leiri, Lurdes, Lêned, Antônio Dimas, João Batista, Benedito Carlos, Lélis Magno. No apoio, em muitas vezes financeiro, e paciência no meu tempo de aprender acadêmico.

Ao amigos e amigas que encontrei ao longo de minha jornada, que muitas vezes sorriram e choravam comigo e que com paciência ouviam o falar de meus sonhos e onde eu pretendia chegar.

À todos os agricultores e agricultoras da comunidade do Assentamento Canaã-DF.

Aos funcionários e prestadores de serviços da Faculdade de Educação, onde passei bom tempo de meus dias ao longo dos quatro anos acadêmicos, pela presteza, desde a limpeza à segurança no cuidado com a nossa estadia ali.

Aos professores e professoras, gestores, funcionários e auxiliares da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Por fim, à Professora Dr^a Orientadora Ana Tereza Reis, pela parceria e confiança neste projeto de vida.

RESUMO

A extensão rural é de enorme importância para as comunidades rurais. Esta prática extensionista é um projeto político e social para promover o desenvolvimento rural. Na prática do campo, o agricultor recebe orientações técnicas científicas, e estes conhecimentos tecnológicos muitas vezes desprezam os saberes tradicionais dos agricultores familiares que ao longo de sua vida acumularam experiência de vida no trato com a terra.

Numa relação entre ensinar e aprender é possível promover o encontro do conhecimento científico com o saber tradicional através de diálogos respeitosos onde nenhum é melhor que o outro. A Agroecologia, que tem raízes em métodos e práticas tradicionais em que o manejo produtivo e a valorização dos recursos naturais são respeitados, traz uma nova interação usando os princípios agronômicos e os conhecimentos tradicionais. Criando essa alternativa, o técnico se atenta aos valores culturais e étnicos, e o agricultor ressignifica o seu trabalho, transforma a sua realidade e se torna o protagonista de sua própria história.

Palavras-chave: Diálogos; Extensão Rural; Agricultura Familiar; Conhecimentos Tradicionais e Agroecologia.

ABSTRACT

Rural Education Programs is of great importance for rural communities. This practice is a political and social project to promote rural development. In farming, the agronomist does receive scientific/technical guidance and very often, this technological knowledge disregards the traditional knowledge of small, family based farmers who have accumulated significant farming experience throughout their lives.

In a dynamic where teaching and learning go hand in hand, it is possible to promote the union of scientific and traditional knowledge through respectful dialogues where both sides have value. Agroecology, which is rooted in traditional methods and practices where production practices and natural resources are respected, brings a new interaction between agronomic principles and traditional knowledge. Creating this alternative, the technician pays attention to cultural and ethnic values and the farmer reframes his work, transforms his reality and becomes the protagonist of his own history.

Keywords: Dialogues; Rural Education Programs; Family Farming; Traditional Knowledge and Agroecology.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 LUGAR DE FALA	11
1.2 SITUANDO A PESQUISA E SUAS PERSPECTIVAS.....	15
1.3 PERCURSO E MÉTODOS: NO ASSENTAMENTO CANAÃ.....	16
2. DIÁLOGOS DE SABERES E POVOS TRADICIONAIS: DA NARRATIVA À CONSERVAÇÃO	21
3. UMA BREVE DESCRIÇÃO: ORIGEM DA AGRICULTURA FAMILIAR	24
3.1 AGROFLORESTA E POPULAÇÕES TRADICIONAIS	25
3.2 EXPERIÊNCIAS E INTERCÂMBIO AGROECOLÓGICO.....	28
4. VIVÊNCIAS EDUCATIVAS DAS VISITAS TÉCNICAS: OBSERVAÇÃO E ANÁLISE CRÍTICA DA COMUNICAÇÃO E A DIALOGICIDADE ENTRE OS PARES.....	32
VISITA 1: FERNANDA E REINALDO	32
VISITA 2: GILBERTO	35
VISITA 3: ELIVÂNIA	37
VISITA 4: EDINAR.....	38
VISITA 5: MARIA FRANCISCA	40
VISITA 6: JOÃO BRAZ.....	41
5. A PRÁTICA EXTENSIONISTA SOB UMA PERSPECTIVA CRÍTICA	45
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICE A – ENTREVISTA AGRICULTOR.....	63
APÊNDICE B – MODELO ENTREVISTA TÉCNICO EXTENSIONISTA	64
APÊNDICE C – ENTREVISTA TÉCNICO EXTENSIONISTA	66
APÊNDICE D – FOTOS.....	67

LISTA DE FIGURAS/FOTOS

Figura 1 - Assentamento Canaã 2D (Mapa/Localização)	18
Figura 2 - Assentamento Canaã 3D (Mapa/Localização).....	19
Figura 3 - PA Canaã	19
Figura 4 - Agrofloresta.....	27
Figura 5 - Agrofloresta / Conhecimento Técnico / Agricultor.....	28
Foto 1 - Arnaldo e Reinaldo	33
Foto 2 - Arnaldo, Maria Francisca e filho	33
Foto 3 - Fernanda	33
Foto 4 - Gilberto.....	37
Foto 5 - Plantio de Agrofloresta.....	37
Foto 6 - Plantio coletivo: Milho.....	38
Foto 7 - Plantio coletivo: Milho.....	38
Foto 8 – Edmar.....	40
Foto 9 - Batata-doce.....	40
Foto 10 - Maria Francisca.....	41
Foto 11 - Arnaldo, Maria Francisca e filho.....	41
Foto 12 - João Braz e suas mudas.....	44
Foto 13 - João Braz na varanda de sua casa.....	45
Foto 14 - Explicando sobre enxertio.....	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA	Área de Proteção Ambiental
CAESB	Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal
CNAPO	Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CTA	Conhecimento Tradicional Associado
DF	Distrito Federal
Emater	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PNATER	Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
PPP	Projeto Político Pedagógico
PRONATER	Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural na Agricultura Familiar e na Reforma Agrária
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SAF	Sistema Agroflorestal
SEAGRI	Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento e Desenvolvimento Rural
TDR	Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização
TERRACAP	Companhia Imobiliária de Brasília
UDR	União Democrática Ruralista
UFMT	Universidade Federal do Mato Grosso
WWF	World Wide Fund for Nature

1. INTRODUÇÃO

1.1 LUGAR DE FALA

Meu universo nos tempos de criança me remete ao quanto gostava de ir passear no sítio levada pelas mãos de minha doce mãe Mariquinha. Embrenhava-me sem avisar nos matinhos perto da casa procurando algo curioso para investigar. Na escola de freiras Beneditinas, onde iniciei meus estudos a partir dos 6 anos de idade, era imaginativa e escrevia minhas próprias histórias. Com 14 anos comecei a frequentar o movimento escoteiro, participando de acampamentos e lendo livros traduzidos e escritos por Robert Stephenson Smyth Baden-Powell¹ para aprender a sobreviver sozinha na floresta. Quando me dei conta estava colecionando revistas sobre tudo que falava de ecologia. Em meados dos anos de 1980 isso era moda, e assim me vi mergulhada no mundo da ecologia. A Amazônia e a questão indígena eram minhas paixões, e pesquisava muito, montava álbuns acerca de tudo relacionado à natureza. Ali, eu já me imaginava uma profissional da área de Ciências Ambientais, tinha convicção disso, e entendo que foi a primeira vez que relatei o prazer de gostar de algo a uma vida profissional futura. Com tantos sonhos e leituras de BP (Baden Powell), atingi o grau máximo dentro do escotismo, recebendo a insígnia mais alta. Foi o auge, e me desliguei para seguir outros caminhos. Precisava escolher o que fazer, já que havia me formado na oitava série do primeiro grau (antigo ginásio) e resolvi estudar no Colégio Técnico Agrícola de Itapetininga, uma instituição de ensino técnico estadual do estado de São Paulo. Iniciei os estudos técnicos em 1990, aos 16 anos, numa escola rural para formação de técnicos em agropecuária. Nessa escola, havia várias disciplinas voltadas para a área de produção agroindustrial, produção de lavouras de alta performance, controle de doenças em animais e vegetais, enfim, todo o campo agrário, indicando os caminhos do hoje denominado “agronegócio”. Naquela época, não me lembro do uso desse termo, mas em meio à tanta teoria para produção maçante, eu tinha aulas com dois professores que falavam muito da agricultura alternativa. Certo dia, eles deram uma aula bem diferente: saímos da sala de aula e fomos para debaixo de uma frondosa árvore. Assim, pela primeira vez, ouvi termos diferentes, tais como: agricultura biodinâmica, agricultura alternativa, regimes lunares que influenciavam culturas, e até uma receita com fezes de gado dentro de um chifre, que colocado na direção da lua, que me recordo de qual fase seria, tinha como objetivo melhorar a produção.

Formei-me em 1993, trabalhando por anos na área técnica, até ingressar num novo curso: o Magistério. Por que sair de uma área técnica em Agropecuária para procurar outra formação técnica? Sentia necessidade de estudar, pois a faculdade não me era possível frequentar. E ao longo do curso

¹ Fundador do escotismo mundial.

fui aliando os dois conhecimentos para uma nova proposta de vida: a Educação Ambiental. Compreendi que era possível exercer a profissão de magistério aliando práticas educacionais políticas às ações ambientais aprendidas anos atrás com o professor de Agricultura Alternativa. Era possível práticas educacionais com intervenções de ações pedagógicas ambientais. Me formei em 2001 em uma escola particular para o exercício da carreira de licenciatura. Porém, eu me via limitada, pois sabia que a prática educacional sem o curso superior de Pedagogia estava no fim, visto que seria obrigatório para professores da carreira do magistério.

Em 2009, decidi prestar o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), um sonho que sempre esteve em minha mente, pois a vontade de alcançar sonhos altos e dar um salto em minha vida era constante. Gostava de Filosofia e Sociologia, e queria entender a sociedade, o modo como se movimenta e se transforma.

Graças ao Governo de Luís Inácio Lula da Silva, que implantou um novo modelo de ingresso para o Enem, unificando o vestibular para as universidades públicas brasileiras, tornei-me caloura na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Iniciei os estudos acadêmicos fazendo reflexões aos ditames econômicos e políticos neoliberais. Esse incômodo me levou a questionar o modo de vida das pessoas, despertando o interesse e questionamentos pelas lutas dos movimentos sociais. O que leva um grupo se unir por uma causa, e a partir dela, criar resistências? Nesse contexto, a participação em movimentos dentro da faculdade e em grupos de estudo me levou a interessar por temas relacionados às questões dos movimentos sociais, mas não sabia qual ainda. Assim, um de meus irmãos sempre trazia reflexões sobre movimentos camponeses, pois trabalhava no sertão da Bahia e falava da fome e da seca, dos excluídos. Dessa forma, fui me interessando pelos movimentos que aconteciam pelas ruas, devido a tantas mortes veiculadas pela mídia, com massacres e assassinatos de líderes sociais!

A morte violenta e criminoso de Chico Mendes, por exemplo, um ativista político e ambiental em Xapuri, no Acre, em 1988, foi um acontecimento marcante, pelo fato de eu gostar de questões indígenas, e isto veio a acontecer na Região Amazônica. O massacre de 19 sem-terra, em Eldorado dos Carajás, no sul do Pará, no ano de 1996; as cenas dos tiros, o desespero das pessoas simples, mulheres e crianças. Também a missionária cristã Dorothy Mae Stang foi assassinada em fevereiro de 2005, em Anapu, sul do Pará, por manifestar apoio aos movimentos de luta pela terra e por justiça no campo. O corpo caído numa estrada de terra no meio da floresta foi marcante para mim, e até hoje líderes camponeses de luta pela terra ou por lutas das questões ambientais ainda são perseguidos e mortos por fazendeiros latifundiários que não aceitam os movimentos sociais.

A União Democrática Ruralista (UDR) também faz movimentos para pressionar o Congresso Nacional para impedir aprovação de leis que beneficiem a reforma agrária, e hoje, no novo governo,

em 2019, está bem atuante na bancada ruralista, no Congresso Nacional. Nas regiões com mais conflito por terra exerce poder sobre os Poderes Judiciário e Legislativo.

Lembro-me de um livro que meu irmão trouxe e o título era *Os pobres possuirão a terra*, um livro da Comissão Pastoral da Terra (CPT). O livro convocava pessoas para desprendimento e solidariedade com os mais pobres que vivem no campo e o compromisso com a vida no planeta, com a mãe Terra que é a nossa casa.

Assim, a ligação com a terra, o meio rural, era a realidade de minha família, originária de descendentes portugueses e italianos no interior de São Paulo que cultivava pequenas culturas, como milho, feijão, e o excedente vendia ou trocava por animais para consumo de carne e ovos. Na cidade, só se comprava o que não produzia na roça.

No final da oitava série (antigo ginásio), em 1989, coincidentemente foi implementado políticas públicas para Educação Profissional, tendo como eixo o ensino propedêutico e formação para o trabalho, para atender o sistema capitalista de produção. A aprovação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 4.024/61 quando foi estabelecida a equivalência plena entre os cursos técnicos e propedêuticos e na Lei nº 5.692/71 que substituiu essa equivalência pela obrigatoriedade da habilitação profissional.

Sendo assim, como atividade de formatura da oitava série, a escola organizou um passeio no Colégio Agrícola, foram dois dias numa fazenda-escola participando de oficinas com alunos e professores, lá vivenciei o cultivo de hortaliças, a criação de coelhos, galinhas e a ordenha artesanal de leite no estábulo de gado leiteiro. Nessa época, era enfático, nos anos de 1990, a divulgação para o ingresso em colégios rurais para incentivo à formação técnica com o objetivo de suprir o mercado de trabalho.

Ao ingressar no primeiro ano do Segundo Grau, escolhi o Colégio Agrícola, onde poderia aprender uma profissão, e percebi que minha história tinha tudo a ver com a experiência citada acima, e então decidi cursar o ensino técnico agropecuário. Foram três anos entre aulas práticas e teóricas, e em todas as atividades que desenvolvia me identificava, via como algo familiar, porque já sabia fazer na prática, mas só não conhecia o trabalho aliado à técnica profissional. Após três anos de estudos, saí capacitada para o mercado de trabalho no campo. Trabalhei no setor agropecuário, fazia cursos de capacitação em escolas como o SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural), sempre me aperfeiçoando, porque o trabalho no campo é exigente, e quando se é mulher, os obstáculos são maiores por envolver a questão da liderança num campo extremamente masculino, em que a força bruta é a “ferramenta de trabalho” e por ter que provar que mulher pode fazer o mesmo trabalho do homem.

Durante meu percurso profissional aprendi muito, sofrendo também a discriminação, mas fui persistente, porque o técnico em agropecuária é formado para ser ousado, ninguém é mais forte do

que você mesmo, é um misto de autodeclaração para ser o melhor sempre. Recordo-me da fala dos professores (todos formados nas Ciências Agrárias), que diziam que as técnicas agropecuárias deve ser insistente e que sempre tem que ser o melhor porque o mercado de trabalho no campo agrário é competitivo.

Entendo que essa fala está diretamente ligada ao tema de pesquisa que me propus analisar. Nas visitas técnicas que acompanhei, no diálogo entre o produtor rural familiar do assentamento e o técnico extensionista, sempre a voz do técnico permanece como a definitiva, embora ele ouça o relato e as perguntas do produtor. Porém, o produtor se submete à sugestão e experiência do técnico para o manejo de sua produção. Nos palavras de Paulo Freire (1980, p. 69): “Para isto se servem da concepção e da prática ‘bancárias’ da educação, a que juntam toda uma ação social de caráter paternalista, em que os oprimidos recebem o nome simpático de “assistidos”.

Como Técnica Agropecuária, percebo que o campo educacional é de importância às ações de formação técnica e, em especial, para interiorizar conhecimentos sobre o uso do solo, possibilidades de produção e cuidados ambientais que implicam na maneira de viver no campo. A subjetividade do ensinar e aprender, por sua vez, passa por entender e desenvolver práticas educativas que dialoguem com interesses e perspectivas de ensino e aprendizagem, de maneira que o homem do campo possa traduzir e potencializar seus conhecimentos técnicos e tecnológicos. O ato de ouvir e ensinar o homem do campo, lá na propriedade rural, está diretamente ligado ao empreendimento de didáticas pedagógicas de formação dos indivíduos e coletivos de forma dialogada. Nessa perspectiva, as dimensões das práticas extensionistas implicam competências, habilidades e responsabilidades sociais, econômicas e estratégias de fomento e valorização da agricultura rural familiar e de seus saberes tradicionais.

Hoje trabalho na Secretaria de Agricultura do Distrito Federal como Técnica em Agropecuária, e a questão social dentro do mundo agrário é uma bandeira de interesse, pois penso que não é possível um mundo rural com sustentabilidade sem o diálogo, sem trabalho coletivo, sem a interação respeitosa com as pessoas do campo e sem a valorização de seus conhecimentos tradicionais. Nesse sentido, e influenciada por minha atuação profissional, esta pesquisa ganhou a forma de uma pesquisa-intervenção que busca analisar os limites e as possibilidades dos diálogos entre saberes tradicionais e conhecimentos técnico-científicos da extensão rural, no Assentamento Canaã, situado no Distrito Federal (DF).

1.2 SITUANDO A PESQUISA E SUAS PERSPECTIVAS

O campo educacional, como dito acima, é de importância fundamental às ações de formação técnica e, em especial, para interiorizar conhecimentos sobre uso do solo, possibilidades de produção e cuidados ambientais que implicam na maneira de viver no campo.

As Comunidades ou Povos Tradicionais, com seus conhecimentos etnoagrícolas, são de valores incalculáveis, pois ao trabalharem na terra e com a terra, usam o raciocínio dos afazeres empíricos e criam um jeito singular de proteger heranças subjetivas de conhecimento. Eles conhecem profundamente o meio, porque desde crianças foram ensinados a observar a natureza, a direção dos ventos, a posição das estrelas, as forças lunares, o regime das chuvas e usam desse conhecimento de maneira harmônica para entender como produzir alimentos para sua subsistência.

Quanto ao conceito de *Povos e Comunidades Tradicionais*, conceituados no Marco Legal do Decreto nº 6.040/2007, compreende-se que:

Art. 3º Para os fins deste Decreto e do seu Anexo compreende-se por:

I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição;

II - Territórios Tradicionais: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os arts. 231 da Constituição e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações; [...] (BRASIL, 2007, [s.p]).

Nessa perspectiva, faz-se necessário compreender a História numa relação dialética, envolvendo o tempo histórico e sua coexistências. Cada objeto e sujeito têm um tempo (passado, presente e futuro) que coexiste no espaço e no território. Porém, os desafios frente aos interesses que se encontram na perspectiva do Direito quanto às questões de reconhecimento da cultura, autoderminação, identidade e território desses povos enfrentam inclusive exploração através de Políticas Públicas.

No Brasil, há inúmeros registros de Povos e Comunidades Tradicionais que há mais de 12 mil anos vivem em sintonia de equilíbrio e respeito à natureza, sendo exímios conhecedores e protetores dos biomas onde vivem, que é um patrimônio cultural e ecológico, guardando as raízes e crenças de seus ancestrais e retribuindo à sociedade, em geral, seus conhecimentos. Neste estudo, deterei meu olhar aos processos educativos, aos espaço em que se situam essas interações ou seja, o território e seus elementos de memória e identidades.

O objetivo principal da pesquisa é analisar como se dão os diálogos e a relação entre saberes tradicionais de seis famílias que participaram de um curso sobre Agrofloresta no Assentamento Canaã com o técnico extensionista da Emater (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), visando

identificar quais os conhecimentos dos agricultores e suas famílias que possam indicar outras formas possíveis de relação entre agricultura, a natureza e a extensão rural.

A pesquisa conta com os seguintes objetivos específicos:

- Identificar o perfil dos agricultores familiares do Assentamento Canaã, localizado no Incra 08, em Brazlândia-DF, suas peculiaridades e suas origens;
- Interagir com o Técnico Extensionista responsável pelas visitas técnicas, observar seu modo de trabalho e como se dá a relação com as famílias que compõem o Assentamento Canaã;
- Analisar a metodologia empregada no ato das visitas técnicas através da observação; e
- Observar a dinâmica de diálogos e troca de saberes.

1.3 PERCURSO E MÉTODOS: ASSENTAMENTO CANAÃ-DF

Como metodologia de pesquisa e levantamento de conhecimentos tradicionais, apoiei-me na investigação de visitas técnicas, diários de campo e conversas pontuais. Iniciei com a visitação *in loco*, com observação participativa, diálogos pontuais (usei apenas como base um Questionário) e análise do conteúdo ouvido e registrado *a posteriori*.

A escolha do Assentamento Canaã se deu quando conheci algumas famílias que produziam hortaliças; e ao perceber que os assentados trabalhavam de forma coletiva e organizada, despertou-me o interesse em saber como era a relação com a empresa de extensão rural. Procurei então o escritório da Emater, que fica na mesma região, e conversei com técnico (agrônomo) responsável. Ao expor minhas intenções de pesquisa, este se prontificou a me levar em suas visitas técnicas, que se iniciaram em novembro de 2018 até março de 2019. Eu e o técnico visitamos as famílias por mais de uma vez, e fui construindo uma relação, dando vez e voz aos agricultores com diálogos participativos. Num levantamento prévio, visitamos 10 famílias, em que escolhi seis grupos familiares que participavam de um curso agroecológico.

A princípio, faria um questionário com cada agricultor, posteriormente, achei mais conveniente conversar de maneira natural, gravando as conversas (todas com autorização) e compilando posteriormente. As perguntas, em forma de conversa, foram as mesmas para todas/os as/os agricultoras/es. As perguntas/conversas tinham como objetivo saber um pouco da história da pessoa/família, seus conhecimentos tradicionais herdados e se eles aplicam esses conhecimentos no dia a dia quando estão se relacionando com a terra. Todos os áudios e vídeos originais se encontram em forma de arquivos.

A entrevista com o técnico extensionista foi muito produtiva e valorosa, em que procurei saber dos seus conhecimentos sobre o tema, os dados oficiais dos agricultores (histórico do assentamento,

número de famílias, o que produziam e a assistência socioeconômica que recebiam do Estado), bem como sua opinião sobre o objetivo da pesquisa.

Procurei, durante as visitas, apresentar-me como pedagoga que estava naquele momento fazendo uma pesquisa acadêmica. Os diálogos foram informais e simples, para não causar timidez nos assentados; portanto, não anotava nada, a fim de não parecer algo sistematizado, e procurei usar a empatia. Como as primeiras visitas foram somente de observação, elaborei perguntas a fim de que não parecesse uma entrevista, e sim uma conversa, para estabelecer relação de confiança dos agricultores.

Como as primeiras visitas foram somente de observação, elaborei perguntas a fim de que não parecesse uma entrevista, e sim uma conversa, adquirindo assim confiança dos agricultores.

Todas as conversas foram bastante produtivas e alegres, ora embaixo de uma árvore, ora no meio de suas “rocinhas”, assim chamado por eles, representando para mim uma maneira carinhosa de se referir ao pequeno espaço dedicado à cultura de subsistência. No final, era convidada a entrar em suas casas e ofereciam água, café ou suco. Havia alegria nas conversas, e sentia neles que falar sobre eles numa pesquisa acadêmica era orgulho, e que seria importante para que fossem reconhecidos como agricultores comprometidos, e não como “baderneiros” e “invasores de terras”. Recebi convite para voltar quantas vezes fosse preciso.

Um “assentamento rural” é um conjunto de unidades agrícolas independentes entre si, instaladas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), onde originalmente há um imóvel rural que pertence a um único proprietário. No DF, cada parcela, lote ou gleba, obrigatoriamente, tem que ter no mínimo 5 ha². Essa região do Assentamento, em especial, está localizada em uma APA (Área de Proteção Ambiental) dentro do plano de manejo do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), que é entregue pelo INCRA a uma família sem condições econômicas para adquirir um imóvel rural. A quantidade de glebas num assentamento depende da capacidade da terra de comportar e sustentar as famílias assentadas. O tamanho e a localização de cada gleba são determinados pela geografia do terreno e pelas condições produtivas que o local oferece. Os trabalhadores rurais que recebem o lote comprometem-se:

a. a morar na parcela e a explorá-la para seu sustento, utilizando exclusivamente a mão de obra familiar. Eles contam com créditos e assistência técnica, infraestrutura e outros incentivos de apoio ao desenvolvimento das famílias assentadas. Até que possuam a escritura do lote, os assentados e a terra recebida estarão vinculados ao INCRA. Os assentados pagam pela terra que receberam e pelos créditos contratados. b. Os beneficiários não podem vender, alugar, doar, arrendar ou emprestar a terra a terceiros. Garantindo condições de moradia e de produção familiar garantem a segurança alimentar de brasileiros das zonas rurais, que até então se encontravam sob risco alimentar e social.

² Unidade de medida de área equivalente a 100 ares ou a 10.000 metros quadrados. Disponível em: <http://www.fcav.unesp.br/Home/departamentos/engenhariarural/TERESACRISTINATARLEPISSARRA/Conversa-o-Tabelas_Conversoes.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2018.

Do escritório da Emater até o Assentamento Canaã, ambos situados no Núcleo Rural Alexandre Gusmão, composto pelo INCRA 6, 7 e 8 (o Assentamento Canaã encontra-se no INCRA 8, GLEBA 2 Reserva “D”, porque as divisões são em GLEBA 1, 2, 3 e 4), são aproximadamente 8 km, entre vestígios do bioma Cerrado, *lato sensu* parte deste, preservado e outras de áreas consolidadas, abertas para as atividades agropecuárias tradicionais e próximo do Parque Nacional de Brasília.

No local do Assentamento, há escassez de água, por estar sobre o topo de um platô³, por isso a água dessa localidade advém do solo (cisternas), pois não tem fonte superficial e nem curso d’água. O Assentamento Canaã encontra-se a 1.281 metros de altitude, lugar alto de onde pode se observar o reservatório do Descoberto Coberto, que está na Região Administrativa de Brazlândia/DF. O Assentamento Canaã fica às margens da DF-445, estrada com asfalto, de fácil acesso e circundada por áreas particulares vizinhas.

Figura 1: Assentamento Canaã 2D (Mapa/Localização)



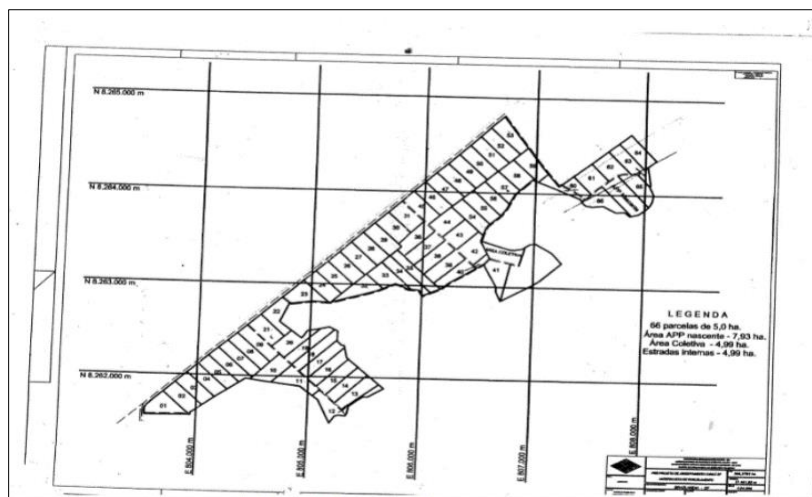
Fonte: Google Earth.⁴

³ “Estruturas elevadas de topo extenso e levemente aplainado com declividade superior a 15% e amplitude superior a 300m, circundado por estrutura inclinada e com intenso processo de dissecação (escarpas)” (BRASIL, 2014, p. 63).

⁴ Disponível em: <<https://earth.google.com/web/@-15.6991743,-48.15723024,1203.82133327a,9998.57086667d,35y,208.12699723h,0t,0r>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

Figura 2: Assentamento Canaã 2D (Mapa/Localização)

Fonte: Google Earth.⁵

Figura 3: PA Canaã

Fonte: Emater/DF (2019).

O Assentamento Canaã é dividido em glebas de 5 ha, que aguarda a regularização fundiária para posse definitiva da terra. Vivem com a cultura de subsistência e venda do excedente, e o perfil das famílias, na sua maioria, é patriarcal, com exceção de algumas famílias regidas basicamente pela figura da mulher. Carentes de saneamento básico e de água potável, somente algumas famílias possuem cisterna para captação de água da chuva, mas todas têm poço simples subterrâneo, e nenhuma das famílias têm acesso a água tratada pela Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (CAESB).

⁵

Disponível em: <<https://earth.google.com/web/@-15.70812884,-48.1633193,1121.41552661a,12222.74596074d,35y,4.04717406h,60.01729042t,0r>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

No contexto atual, estão sendo desenvolvidas atividades de extensão pela Emater e Programa de Apoio da WWF-Brasil. Essas atividades têm como objetivo a construção coletiva do conhecimento sob a ótica da Agroecologia, portanto, as interações dos saberes tradicionais e científicos podem fortalecer a relação homem-ciência-tradição.

A disponibilização de áreas para assentamento de trabalhadores rurais no DF ocorre por intermédio da SEAGRI e, posteriormente, pela Companhia Imobiliária de Brasília (TERRACAP) e INCRA.

2. DIÁLOGOS DE SABERES E POVOS TRADICIONAIS: DA NARRATIVA À CONSERVAÇÃO

A Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015, trata do acesso ao patrimônio genético e ao Conhecimento Tradicional Associado (CTA), que revogou a Medida Provisória nº 2.186, de 23 de agosto de 2001, em que reconhece o conhecimento tradicional de Povos e Comunidades Tradicionais. Com o apoio de vários grupos humanos ligados à Agroecologia, como a Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (CNAPO), é possível movimentar órgãos, entidades do Executivo Federal e a própria sociedade civil, fortalecendo, assim, nossa proposta de trabalho, que visa o reconhecimento e a valorização dos conhecimentos tradicionais (BRASIL, 2015).

Desde que comecei a trabalhar como técnica em Agropecuária, percebia como era a interlocução entre o Técnico Extensionista e o agricultor no momento das visitas a campo, onde ocorria, de forma espontânea, o relato do agricultor acerca do que estava ocorrendo na sua produção. O técnico em Agropecuária é formado para ter uma visão ampla de todas as atividades que ocorrem na propriedade: detecção de doenças em animais de produção, manejo e profilaxia, preparo do solo para produção agrícola, comercialização de produtos, operacionalização de agroindústrias, análise e avaliação de todo organismo agrícola. Sendo assim, o técnico chega pronto para resolver “todos” os problemas.

Diante da postura supracitada, a última palavra sempre é a do técnico, e muitas vezes o produtor indaga, não aceita, mas a argumentação técnica e científica é determinante, e os conhecimentos do agricultor são levados em conta, mas não são a decisão final. Em outras palavras, é um sistema hierárquico. Até hoje presencio que instituições públicas ou privadas trabalham no formato em que o técnico “fala” e o produtor “escuta e acata.

A proposta deste estudo foi motivada ao constatar que, embora haja a Lei nº 13.123/2015, a troca de saberes entre comunidades tradicionais e técnicos extensionistas não é uma atividade prioritária para instituições públicas que desenvolvem um trabalho de extensão rural. Por isso, entendo que os conceitos da Agroecologia podem propor uma mudança de postura dos técnicos extensionistas.

A possibilidade de troca de saberes entre o agricultor e o técnico no momento das visitas técnicas poderá estimular a escuta sensível do técnico, o que possibilita uma ação conjunta em que os saberes tradicionais do agricultor familiar e do técnico possam juntos encontrar uma maneira respeitosa de melhorar o meio em que vive, possibilitando a produção de alimentos e aliando saberes tradicionais e conhecimento técnico sustentável.

A nova Lei consiste em organizar o acesso ao patrimônio genético brasileiro e ao conhecimento tradicional associado. A pesquisa e o desenvolvimento tecnológico ao patrimônio

genético são realizados sobre amostra de patrimônio genético. As informações de origens genéticas e de espécies vegetais, animais, vida microbiana ou qualquer outra espécie da natureza, incluindo substâncias advindas de metabolismos destes seres vivos encontrados nas condições *in situ*, contemplando também espécies domesticadas e populações espontâneas estes sendo encontrados dentro do território nacional.

O CTA é formado por informações advindas de práticas de populações indígenas, comunidades tradicionais ou agricultores tradicionais, de uso direto ou não associado ao patrimônio genético. Pesquisa ou desenvolvimento realizado sobre conhecimentos tradicionais de populações associadas ao patrimônio genético, mesmo que obtido informalmente ou em demonstrações coletivas como feiras de artesanatos, publicações, artigos científicos ou outras formas de registros ou sistematização. Portanto, entendo que a Lei é de interesse nacional, pois deseja a guarda destes bens materiais da natureza e, conseqüentemente, sua preservação, conservação e manutenção dos conhecimentos tradicionais imateriais de comunidades tradicionais.

As comunidades tradicionais no Brasil conservam suas tradições e culturas e seus modos de vida baseados numa relação íntima com o local onde vivem, respeitando os biomas de onde estão inseridos numa relação respeitosa fundamentada na interação subjetiva com a natureza herdada de seus antepassados. Essas comunidades vivem em harmonia com os seus, cultivando a terra e respeitando os seres da natureza. Tais conceitos sempre existiram nessas comunidades traduzidos de maneira diferente: a intimidade profunda com respeito aos sinais que o vento, a chuva, a lua, os animais e plantas demonstram, e os conceitos teóricos só vieram para relacionar e sistematizar um jeito de viver e sentir a natureza que sempre existiram.

Vejamos, por exemplo, as falas de indígenas do Brasil e de outros países, como o Cacique Seattle, em 1855, vista como uma declaração profunda, onde havia conhecimento profundo acerca da interação com a natureza do local onde vivia.

[...] Como podeis comprar ou vender o céu, a tepidez do chão? A ideia não tem sentido para nós.

Se não possuímos o frescor do ar ou o brilho da água, como podeis querer comprá-los?

Qualquer parte desta terra é sagrada para meu povo. Qualquer folha de pinheiro, qualquer praia, a neblina dos bosques sombrios, o brilhante e zumbidor inseto, tudo é sagrado na memória e na experiência de meu povo. A seiva que percorre o interior das árvores leva em si as memórias do homem vermelho.

Os mortos do homem branco esquecem a terra de seu nascimento quando vão pervagar entre as estrelas. Nossos mortos jamais esquecem esta terra maravilhosa, pois ela é a mãe do homem vermelho. Somos parte da terra e ela é parte de nós. As flores perfumosas são nossas irmãs; os gamos, os cavalos, a majestosa águia, todos são nossos irmãos. Os picos rochosos, a fragrância dos bosques, a energia vital do pônei e o Homem, tudo pertence a uma só família. A límpida água que percorre os regatos e rios não é apenas água, mas o sangue de nossos ancestrais. Se vos vendermos a terra, tereis de vos lembrar que ela é sagrada, e deveis lembrar a vossos filhos que ela é sagrada, e que qualquer reflexo espectral sobre a superfície dos lagos evoca eventos e fases da vida de meu povo. O marulhar das águas é a voz dos nossos ancestrais. Os rios são nossos irmãos, eles nos saciam a sede. Levam as nossas canoas e alimentam nossas crianças. Se vendermos nossa terra a vós, deveis vos lembrar e ensinar a vossas crianças que os rios são nossos irmãos, vossos irmãos também, e deveis a partir de

então dispensar aos rios a mesma espécie de afeição que dispensais a um irmão [...] (CARTA, [20--], [s.p.]).

Já nos campos do Brasil, Sônia Guajajara, mulher indígena, nordestina e engajada na liderança nacional para a defesa dos povos indígenas, relatava:

Sou filha do guerreiro povo Guajajara /Tentehar, que habita nas matas da Terra Indígena Arariboia estado do Maranhão. Meu nome é Sonia Bone, tenho 39 anos de luta e resistência pelo meu povo e pelos povos do Brasil.

Nós Guajajara /Tentehar, ocupamos 11 Terras Indígenas no Maranhão e somos o povo mais numeroso do estado. Com uma história de mais de 400 anos de contato podemos afirmar que apesar da exploração, do escravismo e do domínio europeu que exterminou povos, sufocou culturas e expulsou nações, somos um povo resistente, pois mantemos vivas as nossas tradições e a chama que nos incendeia de coragem para continuarmos na luta. Temos direito às nossas terras porque chegamos nelas primeiro, pois brotamos delas – e elas nos moldaram.

A violência atinge a todos: nossa Mãe Terra, sufocada pelo agrotóxico. Nossos rios, pela lama da mineração, e florestas, pelas chamas criminosas da pecuária.

Continuaremos lutando sempre para que nossos direitos não fiquem apenas no papel e para que o Estado cumpra sua missão, nos garantindo o que nos é de direito: nossa diversidade, nossa cultura, nossas terras e nossa vida.

Atualmente vivemos em situação de risco dentro da própria casa, embora com as Terras demarcadas, registradas e homologadas, somos constantemente ameaçados, caçados e assassinados por invasores – fazendeiros, madeireiros e mercenários que vivem da pistolagem, que destroem, roubam, matam e ainda tentam acabar com os nossos costumes e tradições, ameaçando, assim, a vida de homens e mulheres indígenas de nossa região.

Os Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil mantêm suas tradições, culturas e seus modos de vida que, de forma geral, se baseiam numa relação equilibrada com a natureza e relações sociais pautadas no apoio mútuo e na solidariedade, o que expressa de forma profunda a Agroecologia.

Atualmente, existe um arcabouço composto por leis, decretos, medidas provisórias e convenções que garantem os direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais. (GUAJAJARA, [201-], p. 1).

As falas do Cacique Seattle e de Sônia Guajajara expõem a leitura concreta da relação homem-natureza e a importância de conhecermos e mantermos as culturas das comunidades da floresta. A diversidade milenar desses povos atravessou gerações e hoje com o advento da tecnologia sustentável pode-se trabalhar a favor para a conservação da biodiversidade.

3. ORIGEM DA AGRICULTURA FAMILIAR: UMA BREVE DESCRIÇÃO/CONTEXTO HISTÓRICO

No período que compreende os anos de 1965 a 1985, quando ocorreu uma transformação na agricultura do Brasil, época também do vigor da ditadura do Governo Militar, foi implantado um sistema de desenvolvimento agropecuário baseado na ideia de modernização do campo. Com essa dinâmica, potencializou-se no Brasil um modelo capitalista dentro dos campos rurais, suprimindo a Agricultura Camponesa, trazendo modernização agrícola financiada por créditos rurais em parceria com bancos públicos, destruindo assim os recursos naturais e promovendo a entrada de toda espécie de insumos agrícolas (venenos, fertilizantes e maquinários em geral). Com isso, a família, que produzia seu alimento e que era a base da agricultura, foi colocada em condições assalariadas em grandes propriedades rurais latifundiárias. Desse modo, vieram os conflitos por terra e, com isso, o crescimento das desigualdades sociais no campo.

O MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) surgiu nesse contexto, do início de enfrentamento e resistência em contraposição à política de reforma agrária implantada pela Ditadura Militar. Contra a exploração da mão de obra e das famílias do campo, o MST tem uma linha histórica que, desde a Guerra de Canudos (1896-1897) até hoje, os camponeses brasileiros vêm lutando por um pedaço de terra legalmente constituído onde possam morar plantar e colher. E chegam nos dias de hoje sem o pleno direito de serem reconhecidos. O MST, segundo consta, surgiu entre os anos de 1978 a 1985. Num primeiro momento, o cenário era de políticas e rupturas de direitos, e o grupo toma fôlego e retoma suas lutas, juntando-se a movimentos populares e de trabalhadores em geral, e acabam conquistando espaço no campo e nas cidades.

Esses movimentos tomaram os espaços, desafiando o poder e rompendo com modos populistas, criando novas formas de organização e lideranças, conquistando processos práticos na luta pela terra. Essas diversas maneiras de agir e de lutar criaram novas experiências, criando estratégias políticas e sociais no mundo interior e exterior desses atores, os camponeses.

Dessa forma, ocorreram muitas ocupações em partes do território nacional, desde o Sul até o Centro-Oeste, marcando os movimentos sociais na América Latina. Com o acúmulo de riqueza dos grandes latifundiários financiados pela tecnologia no campo, aumentou também o número de pessoas miseráveis, que, conseqüentemente, passavam fome. Com essa realidade, o MST ocupou um espaço político e de luta muito importante para a conquista da Reforma Agrária no país.

A Igreja Católica, através da CPT e das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)⁶ comunidades de base, foi a principal apoiadora do movimento, organizando discussões, troca de experiências e articulando o movimento em âmbito nacional. Com isso, tomaram corpo político e deixaram de ficar isolados (FERNANDES, 2009, p. 6)

Em 1982, em Medianeira, estado do Paraná, a CPT organizou seu primeiro encontro nacional, onde todos os grupos de movimentos sociais compareceram. Como não poderia deixar de citar neste trabalho, João Pedro Stédile um dos membros da direção nacional do MST, comentou (informação verbal):

Aí essa Coordenação Regional resolveu o seguinte: Por que nós não organizamos um negócio maior? Só estamos nós aqui do Sul. Vamos fazer um encontro nacional de conflitos pela terra. E convocamos um encontro nacional para janeiro de 1984 em Cascavel. Aí vieram, eu não me lembro se foram 12 ou 16 estados. Todo mundo tinha luta pela terra. Essa era a marca para poder participar. Em todos esses encontros e também nesse encontro nacional, era um negócio muito integrado com a CPT que apoiava as lutas fazendo os contatos e conseguindo infraestrutura. Bom aí fizemos esse encontro nacional em Cascavel, no Paraná, e aí sim, já com a marca bem de trabalhador mesmo, quer dizer, aquele ainda de Goiânia foi um encontro da CPT, para refletir sobre a luta pela terra. Esse aqui não, esse já foi das próprias lutas.

A Agricultura Familiar é uma definição política, e os atores deste grupo passam a ser reconhecidos pelo Estado a partir de 1996, com a criação do PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), e muito recentemente, em 2006, com a Lei nº 11.326/2006, que define de fato a Agricultura Familiar. Assim, ser um agricultor familiar significa o reconhecimento político de uma categoria. Esse reconhecimento é fruto das lutas dos movimentos sociais que por anos reivindicaram o reconhecimento e passaram a ter direitos às políticas específicas.

Adiante, falaremos do Sistema Agroflorestais (SAF) como possibilidade de produção economicamente sustentável que garanta a preservação da biodiversidade e valorização dos conhecimentos tradicionais. Nas visitas técnicas, encontrei contradições do uso do território de maneira sociocultural sustentável, como dificuldades para estimular as práticas educativas baseadas nos conhecimentos tradicionais.

3.1 AGROFLORESTA E POPULAÇÕES TRADICIONAIS

Os SAFs são estilos de tratar a terra e suas possibilidades de cultivo, cujo objetivo principal é o resgate das formas ancestrais de cultivo combinado com espécies arbóreas lenhosas, como frutíferas e madeiras, somado aos cultivos agrícolas e criação de animal. Essa forma de cultivo/criação

⁶ São comunidades inclusivistas ligadas principalmente à Igreja Católica, que, incentivadas pela Teologia da Libertação após o Concílio Vaticano II (1962-1965), espalharam-se principalmente nos anos de 1970 e 1980, no Brasil e na América Latina.

animal deve ser feita em conjunto e simultaneamente. A Agrofloresta é um sistema milenar de cultivo da terra que é praticado por agricultores de todo o mundo.

Recentemente, o sistema SAF vem sendo reconhecido como um modo de cultivo que traz benefícios aos agricultores familiares, melhorando a produtividade e sustentabilidade das suas terras.

O sistema SAF reproduz do mesmo modo que a natureza faz. Em outras palavras, o solo sempre está coberto com cobertura vegetal morta e há variedade de plantas, todas misturadas, como nas florestas. Há, portanto, atração de variedades de espécies de insetos, propiciando o controle biológico e equilibrando possíveis aparecimentos de pragas ou doenças, evitando assim o uso de agrotóxicos. Nesse sistema de agrofloresta, há uma mistura de várias culturas entre si, uma linha de café, uma linha de feijão, uma linha de mandioca, e assim sucessivamente. Espécies “casadas” entre leguminosas, frutíferas, além de criação de animais em conjunto, em que a própria família cuida de tudo e habita no mesmo local.

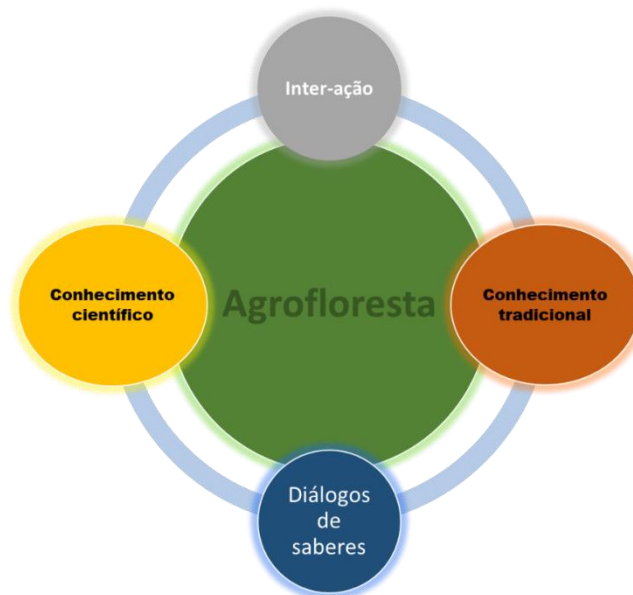
O desenho que se faz dessa “mistura” de espécies em um mesmo local traz mecanismos ecológicos, tal como acontece nas florestas. No caso do Brasil, país tropical, a implantação de espécies arbóreas sucessionais, nativas ou não, tem se mostrado o modelo mais apropriado para o cultivo e cuidados com o solo. Muitas experiências de sucesso com a agrofloresta têm sido registradas em outros assentamentos de agricultura familiar, porque esse sistema traz a oportunidade de resgate de culturas e modos de viver ancestrais que a agricultura capitalista foi extinguindo, suprimindo ao longo da chegada da tecnologia rural.

Muitas vezes, o agronegócio aponta desvantagens para os sistemas de SAFs, dizendo que esse tipo de produção não é viável economicamente, mas esse sistema proporciona, em pesquisas confirmadas, a economia de água em até 75% a redução do uso de insumos e o crescimento de vegetais comestíveis de ciclo curto (hortaliças e mandioca por exemplo). Praticamente tudo é devolvido ao solo quando se usa todos os restos vegetais, formando adubos verdes e colaborando para a umidade do solo e permanência da vida microbiana, que é importante para a vida do solo.

A Agrofloresta, que muitos antigos chamam de “coivara”, tradicionalmente, é um estilo de cultivo usado em todo o Brasil, que consiste em abrir uma clareira na floresta queimando e depois plantando. Esse processo também é reconhecido por estudiosos como uma regeneração natural que é cuidado pelos povos tradicionais tanto quanto se cuida da floresta, mas em qual sentido? Várias comunidades tradicionais não só protegem certas espécies quanto as derrubam para fazer a clareira, mas favorecem o sistema mais do que a plantação favorece a regeneração de espécies úteis nessas capoeiras. Então, isso resultou em uma descoberta arqueológica recente de Eduardo Neves, arqueólogo que afirma que uma boa parte da Floresta Amazônica é antropogênica, e o resultado

dessas capoeiras⁷, não em grandes extensões que são derrubadas, são pequenas clareiras que se replicam, mantendo a diversidade tanto quanto a floresta original. Então, essa técnica de cultivo é uma prática muito antiga que agora está sendo reconhecida.

Figura 4: Agrofloresta



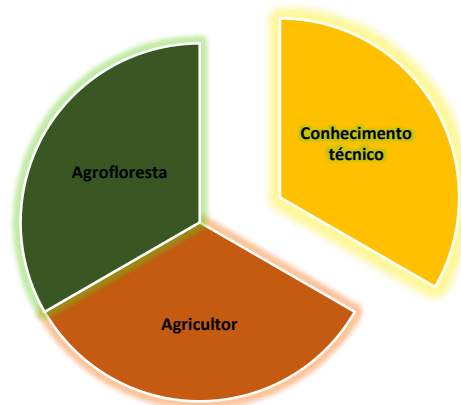
Fonte: Elaboração da autora.

O avanço desastroso em termos ecológicos da soja valeu-se dessa tecnologia. Está mais do que na hora, conforme Bertha Becker e Carlos Nobre têm insistido, de se desenvolver uma ciência e tecnologia para a floresta em pé. A valorização dos recursos genéticos e conhecimentos tradicionais é uma oportunidade-chave dentro desse programa. Mas, para que ele deslanche, algumas coisas são necessárias, entre elas encontrar uma forma para o conhecimento científico e o conhecimento tradicional viverem juntos. Viverem juntos não significa que devam ser considerados idênticos. Pelo contrário, seu valor está justamente na sua diferença. (CUNHA, 2007, p. 83-84).

A Agrofloresta (círculo verde) é um sistema de cultivo que aproxima o saber do extensionista (círculo amarelo) com o saber tradicional do agricultor (círculo marrom). Afinal, princípios agroflorestais têm como base as práticas de conservação ambiental que respeitam de maneira sustentável o meio ambiente e os recursos naturais, protegendo os modos de produção familiar de maneira harmônica.

⁷ *Capoeira* é uma vegetação secundária composta por gramíneas e arbustos esparsos. O termo, oriundo do tupi, designa o mato que nasceu no lugar de vegetação cortada.

Figura 5: Agrofloresta / Conhecimento Técnico / Agricultor



Fonte: Elaboração da autora.

Quando o conhecimento técnico (agrônomo da Emater) é aplicado, sem considerar os conhecimentos do agricultor, o SAF fica incompleto, sendo muito importante quando os diálogos se dão de maneira participativa, pois um conhecimento isolado não fortalece o sistema como um todo. O curso sobre SAFs oferecido pela WWF-Brasil recebe o apoio da Emater, havendo então uma necessidade importante para o diálogo de saberes se fortalecerem, já que os agricultores se identificaram com os ensinamentos sobre Agrofloresta.

3.2 EXPERIÊNCIAS E INTERCÂMBIO NO AGROECOLÓGICO

A Agroecologia veio para propor um novo conceito de desenvolvimento para as áreas rurais com base na sustentabilidade social, econômica, política e cultural, trazendo a possibilidade de resgate de saberes e valores junto aos agricultores familiares, garantindo um modo de produção sustentável e autônomo, proporcionando mudanças, principalmente para quem produzia de maneira convencional. Não é fácil implantar um sistema agroecológico em substituição ao meio convencional de produção, por esse motivo há projetos no sentido de fomentar essa mudança.

As famílias de agricultores visitados tinham algum conhecimento empírico e experiências naturais de trabalho com a terra. Pelos relatos ao longo da pesquisa, eles foram se desprendendo de alguns conhecimentos herdados pelos seus antepassados, por não serem incentivados ou valorizados a usar estes conhecimentos, ou porque o uso de técnicas tidas como “modernas” tomaram o espaço. Mas quando são indagados se eles lembram ou usam técnicas do conhecimento tradicional, a resposta é *positiva* e ao mesmo tempo *tímida*. Então, é possível perceber a oportunidade de se dar espaço para reconstruir e ressignificar esses conhecimentos, que não estão mortos ou esquecidos, mas suprimidos pelo tempo.

Quadro 1: Falas dos produtores

Produtor 1: “Vim buscando informações dos meus pais né? Da minha sogra, e planto e colho daquilo que tô trabalhando.”
Produtor 2: “No meu aprendizado dos meus antepassados eu já tinha plantado algumas coisas aqui.”
Produtor 3: “Nas nossas plantas nós não usamos agrotóxicos, nós usamos adubo natural igual eu aprendi com meu pai lá na Bahia.”
Produtor 4: “Eu nasci e me criei na roça, eu via o meu pai plantar e eu ia plantar com ele, lá onde eu morava a terra era boa, aqui a terra tem que corrigir com calcário.”
Produtor 5: “Existe uma sabedoria que são loucuras, aquele pessoal que não tinha tecnologia que sabia fazer aquele serviço desde que nasceram, há 50, 70 anos atrás aqueles que são os originais, não precisava de bater remédio na planta, nem inseto tinha”
Produtor 6: “Aprendi muito também com a minha mãe quando eu morava com ela sobre combater as pragas com fumo né? Pôr o esterco de molho e jogar aquele “sumo” nas plantas naturalmente”

Fonte: Elaboração da Autora (2019).

Para os agricultores, SAF é novo, pois o curso ofertado pela WWF deu a oportunidade de conhecer esse sistema. Então, percebeu-se como os conhecimentos tradicionais podem ser estimulados e mantidos através da Agrofloresta. O conhecimento tradicional que vem através das gerações passadas é resultado de uma interação desde os primórdios da relação do homem-natureza através, principalmente, da observação e imitação. Mas, com o processo de modernização dos modos de produzir na agricultura sofreu alterações. Essa é a interação homem-natureza, na qual o homem fazia sua leitura de mundo se identificando com os fenômenos naturais, mas foi expressiva e rapidamente mudando. Segundo Peneiredo (1999, p. 75):

Se analisarmos os processos envolvidos no desenvolvimento de ecossistemas naturais no tempo, observaremos que a sucessão natural é sinônimo de aumento de recursos (sintropia). Os ecossistemas naturais estão sempre mudando, de acordo com o processo sucessional, caminhando sempre para o aumento da qualidade e quantidade de vida consolidada.

A Revolução Verde⁸ trouxe consigo informações técnicas e tecnológicas capazes de romper todos os meios estabelecidos ao longo da convivência profunda entre homem e natureza. Essas repetições de técnicas introduzidas pelo homem moderno e pela ciência estabeleceram um novo conceito de lidar com a terra através da extensão rural, assim o homem se desligou de valores e compreensões, causando um abismo para conhecimentos naturais-tradicionais. Parece catastrófica essa afirmação, mas basta vermos os índices de destruição dos biomas existentes no Brasil (ANDRADES; GANIMI, 2007, p. 52).

Dessa forma, busquei identificar quais os conhecimentos tradicionais estavam presentes no Assentamento. Não encontrei rezadeiras e curandeiras, apenas conhecimentos imateriais herdados dos antigos, e apenas um assentado, chamado Gilberto, que conhece a técnica da vara de metal para encontrar o local certo onde tem água. Gilberto não cobra nada pelo conhecimento de identificar

⁸ Nome dado ao conjunto de iniciativas tecnológicas que transformou as práticas agrícolas e aumentou drasticamente a produção de alimentos no mundo.

possíveis “veios d’água”, já tendo identificado seis locais que hoje são cisternas para retirada de água para consumo humano.

No Assentamento Canaã, aproximadamente 60% das famílias ainda usam o sistema convencional, e os outros 40% estão em transição para os sistemas agroecológicos, mas nem todos tiveram acesso ao curso de capacitação. A WWF-Brasil proporcionou um curso para a transição agroecológica, intitulado “Tecnologias Sociais e Recuperação Florestal”. Nele, são mostrados os conceitos sobre vida na transição da produção convencional para a Agroecologia, consórcios agroflorestais, princípios básicos do ciclo de vida de uma floresta produtiva, princípios da sintropia⁹. As vagas eram limitadas, e famílias aguardavam para participar do próximo curso. Atualmente, já foram 35 novas famílias que participaram do curso, quando iniciei esta pesquisa, em novembro de 2018, apenas seis famílias haviam participado.

A ideia da Agroecologia causou entusiasmo entre os agricultores, e em todo momento eles dizem que esse é o único caminho possível e sustentável. O MST, movimento que rege as famílias do Assentamento Canaã, exige que as elas entrem nessa transição pelo fato de ser contra o sistema da produção em série, da monocultura, chamada “agricultura intensiva”. Segundo muitos falas de familiares/agricultores, que não são dados precisos, quem lidera a família é a mulher, pois, obrigatoriamente, a concessão de direitos e de posse da terra é em nome da mulher, que geralmente moram apenas com os filhos, sem a presença de um companheiro.

A entrevista com o técnico foi feita no final desta pesquisa, que relatou verbalmente que geralmente não pergunta ao agricultor se o mesmo já tem um conhecimento prévio e de como cuidar da sua plantação, como combater ou controlar pragas invasoras com receitas tradicionais sem o uso de defensivos, agrotóxicos ou técnicas de plantios. Os agricultores convencionais, por opção, não acreditam no sistema agroecológico, usam no trato com a terra e com as plantas uso liberado de técnicas de exploração não sustentável, como: uso de fertilizantes; revirar a terra expondo os agentes naturais aos raios solares que são nocivos à vida bacteriana do solo; uso de sementes transgênicas, adubos e agrotóxicos comerciais e afins.

O técnico mostra-se extremamente técnico e neutro no posicionamento dos agricultores convencionais. Não há incentivo por parte dele, pelo fato de achar que não deve influenciar os agricultores. Porém, na entrevista, ele reconheceu que nunca foi incentivado e nem capacitado para valorizar os conhecimentos tradicionais, mas que acha importante que deveria começar este entendimento nas escolas técnicas e nos bancos acadêmicos. Percebi que os conhecimentos tradicionais dependem dos SAFs para se manterem vivos, permanentes e presentes. Os

⁹ Sistema que busca a harmonia entre os processos de produção e o meio ambiente.

conhecimentos agroecológicos se basearam nos conhecimentos tradicionais para existirem, portanto, um depende do outro, portanto, de forma subjetiva e abstrata um sistema “fortalece” o outro.

4. VIVÊNCIAS EDUCATIVAS DAS VISITAS TÉCNICAS: OBSERVAÇÃO E ANÁLISE CRÍTICA DA COMUNICAÇÃO E A DIALOGICIDADE ENTRE OS PARES

VISITA 1: FERNANDA E REINALDO

Acompanhada do Engenheiro Agrônomo Arnaldo Augusto da Silveira, responsável técnico designado pela Emater para acompanhar as atividades dos agricultores do assentamento, fomos rumo à casa dos agricultores Fernanda e Reinaldo.

Propriedade simples de 5 hectares identificada como chácara nº 65, onde possui 527 pés de maracujá, 1 ha de mandioca, ½ ha de milho, uma horta e plantas medicinais. Possui também energia elétrica, acesso à Internet e uma casa de madeira ampla e arejada, com uma varanda cheia de ferramentas para o trabalho com a terra. Sobre as muretas e mesinhas, alimentos produzidos ali sem agrotóxicos, plantados com o intuito da alimentação do casal e a venda posterior do excedente. Abóboras diversas, maracujás e raízes de mandioca enfeitavam a mesa da varanda, que sugere ter fartura de variedades em frutos. Além disso, há um espaço de ½ ha de solo arado à espera de plantio.

Fernanda, a esposa, é uma jovem mulher que se dedica aos tratos de plantas medicinais, horta e ajuda o esposo Reinaldo na cultura que a propriedade explora comercialmente: o maracujá azedo *Passiflora edullis*.

Procurei criar um elo de reciprocidade e confiança, elogiando o aconchego da varanda e o primor dos frutos ali colhidos. Início uma conversa para conhecer a história daquele lugar e das atividades com a terra. Não há um questionário padronizado, pois acredito que cada indivíduo é um mundo, uma história traçada ao longo de seu caminho. E a intercomunicação, sem se mostrar questionário é, portanto, um diálogo.

Fomos recebidos com entusiasmo, e percebi que houve satisfação no casal em nos receber, ou seja, o técnico é bem visto. Conversaram sobre polinização do maracujá e doenças transmitidas pelos insetos – a explicação dada por Arnaldo era ouvida atentamente. Andamos por entre as ruas onde os maracujás eram apoiados por estaleiros, e palanques de madeira serviam para os pés de maracujá se agarrarem e “subirem”, propiciando o crescimento das plantas.

Esse agricultor possuía boa vontade em aprender, e sua plantação estava bem estruturada. O mesmo recebeu incentivo bancário específico para a agricultura familiar, articulada pelo escritório da Emater. O diálogo foi extremamente técnico, e o agricultor ouviu todas as orientações sem indagações. O técnico ali foi o detentor do conhecimento e o agricultor, mero ouvinte. Ao final da visita, que durou aproximadamente 2 horas, o técnico gerou um relatório de visitas assinado por ele e pelo agricultor para justificar seu deslocamento do escritório. As fotos a seguir são do arquivo pessoal da autora.

Foto 1: Arnaldo e Reinaldo**Foto 2: Arnaldo, Reinaldo e Fernanda****Foto 3: Fernanda**

Fernanda explana sobre suas plantações:

[...] tenho minhas plantações aqui, aqui que eu colho abóbora, banana, meu maracujá tem o meu poço de peixe pesco os peixinhos durante o dia faço o meu almoço tudo daqui de dentro, é um lugar onde eu me sinto bem... é um lugar que eu gosto, tem minhas plantações aqui, não uso agrotóxicos, que é o veneno né? Dá trabalho? Dá! Todos esses maracujás aqui eu plantei e nenhum teve um tipo de veneno, tive orientações pela Emater busquei também orientações pela internet, né? Para conseguir estar manuseando aqui a terra, plantando buscando informações dos meus pais, né? Da minha sogra e orientações da Emater, pela internet e é daqui que nós estamos sobrevivendo, é disso daqui. (informação verbal).

Fernanda reúne todos os seus conhecimentos empíricos, e quando tem alguma dúvida, chega sozinha a uma conclusão:

Eu sei de muitas coisas, e quando eu tenho alguma dúvida eu chego a uma conclusão sozinha, eu sei de várias receitas com ervas, por exemplo, e sempre uso aqui porque nem sempre tem remédio e a farmácia fica lá na cidade, não dá para ir toda hora que precisa. Imbé – raiz no álcool para dores faz uso tópico; caninha de macaco – rins e infecção na urina; Crajirú-rin e quebra-pedra; Arruda – cólica menstrual faz chá por infusão; Losna – dor no estômago e fígado; Sete dor – dores no estômago e fígado; Folha de laranja- calmante e para pressão alta; Alface – em infusão abaixa a pressão. (informação verbal).

Pela ótica sensível e rica de Fernanda, seu relato voluntário é marcado por conhecimentos sobre ervas, o que nos traz a dimensão da extensão de saberes intelectuais tradicionais indígenas que se estendem através dos tempos.

Esses conhecimentos tradicionais que indicam as ervas medicinais como cura para certos males do corpo e do espírito são práticas de comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas e outras que viviam em grupos onde a relação com o meio ambiente é próxima, e que ao praticarem esses conhecimentos empíricos transforma-os em valores e patrimônio genético.

Os conhecimentos das possibilidades de cura através de ervas foi passada de geração em geração pela oralidade; são resultados de práticas diárias de antepassados que se perpetuam e estão livres e em movimentação constante, ultrapassando todas as barreiras sociais e físicas ao mesmo tempo. Esses conhecimentos não são suposições ou superstições, e, sim, conhecimento popular, e para ser usado é preciso que admitamos que ele existe. O que torna esse conhecimento tradicional relatado por Fernanda é que se trata de relatos orais de observação dos acontecimentos biológicos, feito por pessoas frequentemente iletradas, mas que são tão eficazes e sutis como os científicos, por isso a ausência de educação formal não implica na ausência de saberes. Os conhecimentos gerados em bancos acadêmicos não podem ser considerados melhores ou piores do que os conhecimentos tradicionais gerados em atividades empíricas, como acontecem nas florestas, por exemplo.

“Meu sertão tem remédio milagroso
Quina-quina, fedegoso, busalgueiro e jatobá
Minha vizinha veio um dia me dizer
Tô doente pra morrer, faz um chá pra eu tomá
Eu disse a ela, tenha a santa paciência
Que remédio tem ciência, pode trazer confusão
O Tipizeiro começou amarelar
Mas só presta fazer chá, quando a folha cai no chão”
(Letra da música “Remédio”, de Pinduca).

Na farmacologia, é um sub-ramo de uma controvérsia maior, a que opõe a pesquisa baseada em produtos existentes na natureza àquela que parte de combinações sintéticas. Com efeito, há um ramo forte da farmacologia que nega qualquer vantagem em se partir de produtos naturais, sobretudo desde que métodos de testes em laboratório sejam exponencialmente acelerados. É verdade, admitem os desse ramo, que os produtos naturais são fruto de adaptações que já se provaram viáveis e eficientes, mas a possibilidade de simplesmente testar, em tempo curtíssimo, a atividade de milhões de combinações inventadas em laboratório teria reduzido se não anulado a vantagem comparativa de produtos naturais. Passando-se agora para produtos naturais conhecidos da ciência tradicional, verificou-se que a diferença de rendimento entre etnomedicina [...]. (CUNHA, 2007, p. 79-80).

A propriedade é explorada comercialmente com o cultivo do maracujá e paralelo a essa atividade há outras possibilidades, como o cultivo de ervas medicinais.

Fernanda afirma por duas vezes em seu depoimento livre que “recebe orientações da Emater”, e logo após diz que sabe de muitas coisas sozinha, ou pergunta para a sogra qual a melhor lua para

plantar o milho. Seria uma contradição? Diz que sempre busca orientações da Emater e depois, mais à vontade, fala que sabe de muitas coisas e também pede orientações acerca da melhor lua para plantio do milho. Por que todas as dúvidas não são sanadas com o técnico?

O mundo humano em que vivemos é um mundo para o exercício da comunicação, que exige reciprocidade e não pode ser rompida. Pensando assim, a comunicação não deve ser passiva e solitária. Sujeitos intencionados se comunicam em um propósito único e de cada vez, sendo assim torna-se diálogo. Nessa lógica, os sujeitos se expressam com sua própria linguagem, recíproca e com significados. Mas quando um sujeito deposita no outro e esse outro se torna estático e petrificado, podemos afirmar que um dos sujeitos se torna depositário de uma informação, e não de um novo conhecimento.

O Assentamento Canaã é um universo em transformação, e nessa primeira visita vi um mundo cheio de possibilidades, havendo muita informação em cada tosseira de mato, em cada hortinha de folhas comestíveis. Vi naquele casal as possibilidades humanas, um grande mundo interior. Freire (1980), em suas palavras, poetisa o tempo todo as pequenas coisas, o amor, a relação do homem rural no trato com a terra. Essa sensação foi sentida logo na primeira visita.

A dialogicidade é uma prática para a liberdade, e o tempo todo se vê a necessidade de verbalizar o que se sente. É necessário dar possibilidades de múltiplos diálogos (FREIRE, 2018a, p. 53-54). Mas há no Brasil um modelo de extensão difundido baseado na persuasão dos agricultores para consumir novas maneiras de uso de tecnologias, vindo a modificar o hábitos e atitudes dos agricultores. A substituição da tecnologia tradicional pela nova tecnologia, a moderna, desconsidera a relação entre o agricultor e sua condição econômica, social, cultural e política.

Para Freire (2018a), esse tipo de extensão não considera os saberes tradicionais dos agricultores. Além disso, a formação dos técnicos é baseada em uma postura etnocêntrica, centrada em um ideal de produção e exploração do solo onde os agricultores eram, e ainda são, vistos como meros receptores passivos.

VISITA 2: GILBERTO

Casa de madeira simples, cômodos amplos e uma varanda cheia de plantas. Pomar com muita diversidade, sinalizando que há frutas de várias épocas do ano, tudo muito bem cuidado e plantas irrigadas e vistosas. Ao fundo do terreno, 2 ha de agrofloresta já implantada, ruas intercaladas com variedades vegetais comestíveis, banana, mandioca, feijão, café, inhame, quiabo, amora, eucalipto, limão, amendoim, goiaba, mamão, batata-doce, cará, acerola. Tudo com uso de forragens secas para proteger e manter o solo úmido e sem uso de agrotóxicos. A alegria está estampada no rosto do agricultor Gilberto, e em suas palavras:

Sou piauiense e fui criado na roça com meus pais, onde eu aprendi muita coisa, onde a gente vivia totalmente da terra. Daí tive a oportunidade de vim pra aqui pro assento, e quando vim aqui fique acampado por cinco anos onde eu aprendi mais e mais ainda onde eu aprendi com a agrofloresta, já que eles são formados, eu troco a experiência com eles, o Arnaldo da Emater que me dá assistência, um cara bacana pra caramba e me dá assistência aqui, onde também a gente já debateu plantações aqui, mostrando como é que é, ele mostrando pra mim como é que é, eu mostrando pra ele também, onde a gente acaba ensinando um ao outro, ele na formação e eu na minha experiência de plantio. Há vários ensinamentos onde a gente conversa e tudo. Mas antes eu já havia montado no meu estilo, no meu aprendizado dos meus antepassados eu já tinha plantado alguma coisa, por isto eu tô feliz com o entendimento das pessoas e com o meu entendimento com ele. (informação verbal).

É basear-se na comunicação para modificar os cenários que precisam de mudanças. Nas relações do homem com o mundo e com seus pares há infinitas possibilidades de aprendizagem, sendo o espaço rural agrário um ambiente propício à aprendizagem não formal. Nesse sentido, a metodologia participativa seria a melhor a ser usada pelo indivíduo que realiza um processo de educação. Em outras palavras, estender seus conhecimentos ou comunicar-se de forma respeitosa ouvindo aprendendo e ensinando. Qual é o papel do educador agrário como detentor de conhecimento científico, sabendo que o receptor é apenas observador do mundo? Não se utilizar de uma linha imaginária onde uma linha vertical que passa do detentor de conhecimento que está acima, para o receptor que não possui tanto conhecimento científico, que se encontra na parte de baixo. Seria ele o receptor da parte de baixo tido como ignorante? Nessa estrutura, fica claro que um fala e o outro apenas escuta. O educador agrário não deve se posicionar de forma absoluta, e, sim dividir seu conhecimento entendendo que há saberes diferentes.

No ato de ensinar e aprender, a comunicação deve ser ativa, de modo que os dois lados se percebam aprendizes um do outro, que nenhum dos dois saiba de tudo ou de nada. O educando (agricultor) não pode ser transformado em objeto depositário. Não deve haver silêncio de uma das partes, e, sim, o diálogo rico, respeitoso e transformador. No depoimento narrado pelo agricultor entende-se que o diálogo foi a via de mão encontrada: o técnico com seu conhecimento científico e o agricultor com seu conhecimento experiencial trazem à tona problematizações do dia a dia de maneira singular e respeitosa.

Freire (2018a) defende que o verdadeiro sentido da educação não é a mera transmissão de conhecimento pelo educador agrário, mas, sim, proporcionar a oportunidade de relações em um mesmo nível de questionamentos e apontamentos para uma decisão conjunta. Os pensamentos devem ser dinâmicos e em tempo real, costurando os conhecimentos múltiplos, respeitando as diversidades culturais, sociais e manifestando no outro a satisfação de ser e estar no mundo.

Foto 4: Gilberto**Foto 5: Plantio de Agrofloresta**

VISITA 3: ELIVÂNIA

Nessa propriedade, a figura da mulher representa o alicerce da família. Elivânia esclarece:

Eu lembro que a gente prantava com inchada, né? Eu lembro também quando eu era pequena eu ia pra roça com meus pais, e a roça praticamente era parecida, na Bahia, né? Plantava muito feijão, quando eu é, eu era mais esperta, né? Eu queria ser mais trabalhadora que os outros, eu era pequena eu lembro disso, e era desse jeito que plantava não usava produto agrotóxico, produto químico a gente não usava não, eu tinha 10 anos isso eu aprendi muito com eles né? Então tudo que eles me ensinaram eu tento colocar aqui na terra e a gente vai aprendendo aos poucos né? Essa é a origem que a gente teve né? Tudo vem de lá de traz e a gente tem saudade da Bahia, desses plantios, dessas coisas assim.

Nas nossas plantas nós não usamos agrotóxicos, nós só usamos adubo natural, a gente não faz compostagem, mas as folhas que a gente tira a gente põe nos pés das plantas pra virar adubo de novo nós não usamos... Assim, de vez em quando, a gente usa calcário pra pode tá corrigindo o solo mas não usamos muito produto químico, o produto, como se diz o veneno né? Aqui em casa nós não usamos. (informação verbal).

Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito, é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. (FREIRE, 2018a, p. 42).

A agricultora, nessa narrativa, traz um conhecimento empírico, estabelecendo um diálogo com suas memórias, permitindo a materialização do passado com o presente e incorporando seus saberes e práticas na sua atividade rural atual. Esta materialização exige comportamento para algumas mudanças, quando ela diz: “Assim, de vez em quando, a gente usa calcário pra pode[r] tá corrigindo o solo mas não usamos muito produto químico, o produto, como se diz o veneno né?”

Para mudanças no modo de usar o solo para plantar ainda está presente a utilização de técnicas e insumos que não dialogam com sustentabilidade, estes estão diretamente ligados com alternativas

de sistemas convencionais, mas que estão a caminho de modelos sustentáveis de produção, quicá possam ser reproduzidos por outras famílias.

Nessa propriedade, em particular, a família possui vários componentes, a mulher, o companheiro, os filhos e netos. A figura da mulher como esteio e líder da família é fato, até porque a terra está legalmente de posse no nome dela.

O esposo trabalha externamente em outra atividade, mas quando está na propriedade planta, colhe e organiza todos os tratos culturais, tudo sob supervisão e aprovação da companheira. No ato da visita técnica, ao me direcionar a ele fazendo perguntas, o ele diz: “Melhor você perguntar para minha mulher é ela que sabe de tudo aqui”.

Foto 6 - Plantio coletivo: Milho



Foto 7: Plantio coletivo: Milho



VISITA 4: EDINAR

Nessa propriedade, a mulher é a figura principal.

Eu aprendi a trabalhar na roça desde pequena, eu tinha a idade de oito anos eu nasci e me criei na roça, aí eu via o meu pai plantar, aí eu ia na roça plantar com ele só que as terras da Bahia é diferente da daqui, a terra daqui, a de lá não precisava usar as tantas coisas que tem que usar aqui. Aqui tem que usar o calcário pra corrigir a “acidez” da terra, aqui você tem que usar adubo, se não for na base do adubo não dá nada, lá não, lá você plantava e só fazia derrubar a roça, o mato e tocava fogo e limpava. É diferente daqui, aqui é terra é muito sofrida, aqui pra poder “dar” você tem que gastar muito, aqui você tem que ter acompanhamento da Emater, do técnico pra poder te orientar a fazer a plantação, essa terra daqui é muito sofrida, tem que corrigir o solo dela entendeu? Então estamos aí vendo o que vamos plantar pra ver se dá alguma coisa né? Eu espero que as coisas vá melhorar, mas que é difícil é.

Eu entrei no projeto da Agrofloresta, eu lembro que nós estava num dia de confraternização lá no “Flavão” aí chegou o Igó com esse projeto trazendo aqui pra dentro do Canaã, da Agrofloresta mas aí só tinha vaga para seis pessoas, desta vez agora somente para seis pessoas aí o ano que vem vai ter pra mais pessoas, aí a gente fez né? Aí quando foi no início do ano aí ele voltou de novo e disse: “tem mais vagas” aí eu não fui neste curso porque eu estava doente, mas eu ajudei plantar também, o plantio foi em várias chácaras aí eu entrei e aí chegou

o dia da minha Agrofloresta, eu tô acreditando muito e já estou vendo resultado, estamos aí! Tem muita gente querendo Agrofloresta, tá todo mundo acreditando na Agrofloresta, espero que todos tenham uma vida saudável porque é essa a proposta da Agrofloresta, eu espero que todos tenham “uma nova vida” com esta Agrofloresta.

O relato de Edinar dialoga com suas memórias, com suas vivências de vida no interior da Bahia e no seu espaço de terra no Assentamento Canaã. Mostrou-se de maneira natural o aprendizado agroecológico, sendo aplicado na sua rotina diária e as suas reflexões sobre estas experiências.

...Aqui tem que usar o calcário pra corrigir a “acidez” da terra, aqui você tem que usar adubo, se não for na base do adubo não dá nada, lá não, lá você plantava e só fazia derrubar a roça, o mato e tocava fogo e limpava. É diferente daqui, aqui é terra é muito sofrida...

Quando Edinar cita o uso do fogo resgatando suas memórias para limpar o terreno e plantar, nos faz remeter ao sistema de coivara muito usado por populações tradicionais que vivem nas florestas, neste sistema onde se corta e queima a vegetação, produzindo cinzas que faz diminuir a acidez do solo e que serão ricas em nutrientes além de limpar a área (SCHIMIDT, 2003, *apud* MUNARI, 2009, p. 17; WARNER 2001, *apud* MUNARI, 2009, p. 17).

O uso dessas práticas herdadas de antepassados são usadas eventualmente, e no dia a dia praticam experiências que são observadas no convívio com a natureza. Dentro de uma propriedade rural há muitas possibilidades, seus quintais são produtivos, Edinar tem horta, na época das visitas tinha mandioca, abóbora, batata-doce, girassol, ervinhas medicinais, um pomar em formação e galinhas num galinheiro que recebiam o desbaste de folhas das hortaliças.

Em outro momento, relatou que ajudou em sistema de coletividade a plantar variedade de espécies vegetais para um vizinho e, posteriormente, sua propriedade foi contemplada para receber o plantio coletivo. Neste caso, a reflexão sobre plantios coletivos cria um elo entre as famílias do assentamento.

...eu ajudei plantar também, o plantio foi em várias chácaras aí eu entrei e aí chegou o dia da minha Agrofloresta, eu tô acreditando muito e já estou vendo resultado, estamos aí! Tem muita gente querendo Agrofloresta, tá todo mundo acreditando na Agrofloresta...

Nas palavras de Freire (2018a, p. 46): “Esta ação sobre o mundo, que sendo mundo do homem, não é apenas natureza porque é cultura e história, se acha submetida aos condicionamentos de seus próprios resultados”.

Com essa afirmação de Freire, o homem como um ser de relações com seus pares e com o mundo se dão em níveis diferentes, mas com o mesmo objetivo, aqui de interação para a coletividade.

Foto 8: Edinar



Foto 9: Batata-doce



VISITA 5: MARIA FRANCISCA

Nessa propriedade, a mulher é a figura principal. Morava na Cidade Estrutural, cinco anos acampada e há três anos recebeu a posse da terra. Ficou dois anos no Graziela Alves, outro assentamento. A mãe lhe ensinou tudo que sabe sobre o cultivo na terra, e até hoje, quando tem dúvidas, liga para ela para pedir orientações sobre sementeira, plantio e adubação natural, tudo é natural. Fez o curso de Agrofloresta e Plantio Coletivo.

Eu gostei muito da visita do “técnico” e também aprendi muito sobre a Agrofloresta; a Agrofloresta me ensinou não mexer com veneno, né? Plantar as coisas natural [sic], né? E aplicar as coisas natural [sic] em cima do solo, e aprendi muito também com a minha mãe quando eu morava com ela sobre combater as pragas com fumo, né? Pôr o esterco de molho e jogar aquele “sumo” nas plantas naturalmente, porque tem mais qualidade de vida as coisas sem veneno, mais saúde, tô tendo mais saúde agora né? Aprendi muito também neste curso que eu fiz e quem quiser vim visitar nós aqui com a Agrofloresta nós vamos ficar muito feliz, venham aqui no Canaã.

Na visita à propriedade da Maria Francisca pude observar entre outros aspectos a questão social com mais atenção. Maria convive com dois filhos, um que exerce atividade profissional fora da propriedade (trabalha no comércio urbano) e o outro filho convive com ela e não trabalha fora, possui deficiência cognitiva. Portanto Maria cuida sozinha da propriedade planta, cuida, capina e faz seus experimentos para controlar pragas e doenças. A casa simples é de madeira e de chão batido e envolta dela há muitas plantinhas pra enfeitar o jardim, a rocinha de mandioca, a horta, um estaleiro para o cultivo de maracujá e uma pequena plantação de bananas. Suas memórias afetivas ligada ao convívio da mãe no interior da Bahia são muito presentes, sempre que tem dúvidas de como proceder na sua roça usa o seu celular (sem sistema Android) e liga para a mãe. Enfaticamente tem interesse na produção de alimentos sem uso de agrotóxicos, já resultado comportamental do curso sobre

agrofloresta.

– Maria: a Agrofloresta me ensinou não mexer com veneno, né? e aprendi muito também com a minha mãe quando eu morava com ela sobre combater as pragas com fumo né? Pôr o esterco de molho e jogar aquele “sumo” nas plantas naturalmente, porque tem mais qualidade de vida as coisas sem veneno.

Maria só fez relação da importância sobre o não uso de veneno na sua produção quando fez o curso de agrofloresta, sendo que ela já havia recebido ensinamentos de sua mãe. Por quê?

Maria só apreendeu de fato sobre a importância de não usar veneno quando o ensinamento veio através de um curso formal, o valor dado por ela a este ensinamento após o curso foi maior de que quando sua mãe a ensinava quando criança. Os ensinamentos aprendidos ao longo da vida não eram levados em consideração nas visitas técnicas, ou talvez nunca fora ouvida, porém mostra que tinha muito à dizer.

Foto 10: Maria Francisca



Foto 11: Arnaldo, Maria Francisca e filho



VISITA 6: JOÃO BRAZ

Agricultor experiente que trabalhou muitos anos em propriedade rural privada em serviços gerais, e com esse ofício aprendeu técnicas de enxerto, cuidado e preparo do solo em culturas em geral (hortaliças e culturas anuais, como milho e feijão). Possui grande conhecimento tradicional e ao longo da vida fez “adaptações” em cultivos diversos. Disse que aprendeu muita coisa observando a reação das plantas, e se diz muito curioso e gosta de acompanhar dia a dia o desenvolvimento das plantas que cultiva. Possui conhecimentos agroecológicos provenientes de cursos que participou promovidos pela WWF-Brasil, que fez uma parceria com o Assentamento Canaã. Sente orgulho de tudo o que faz e planta, e além de fazer perguntas ao técnico, também o ensina como fazer enxertos (chuchu em penca), e no ato da visita ensinou como fazer mudas de jabuticaba no sistema de galhada

mergulhada em água. Ele acredita nas suas técnicas particulares e afirma que todas as suas experiências são de grande valor. O técnico ouviu atentamente todas as orientações do Seu João e concordou em vários pontos. Nessa visita, em específico, os conceitos de Agroecologia foram citados ao menos sete vezes. Foi muito gratificante ver o conhecimento e empoderamento do seu João.

[...] bão, eu sou do Acampamento Canaã, moro na parcela 59, eu trabalho aqui há mais de quatro anos, e tô formando aqui uma parte de agrofloresta e tô gostando muito e a partir de agora com essa agrofloresta eu tenho certeza que daqui pra frente vai chover muito mais, agora das muitas coisas que eu sei e aprendi com meus pais e meu avô têm vários tipos de tecnologia que a gente planta com agrotóxicos e com adubo químico, isso pra mim não resolve não!, principalmente agora na época do tempo seco você bota adubo químico a planta sai bonita num dia, no outro dia o sol bate a planta começa a murchar começa a morrer por causa do adubo químico e outros mais produtos que a gente usa, então o que eu quero trabalhar daqui pra frente é sem nada de adubo químico eu quero trabalhar só no meu orgânico eu tô muito feliz com esse sistema que eu aprendi e quero prosseguir e com as minhas qualidades de plantar na minha agrofloresta e nada de químico na minha parcela. Eu uso água de sabão e tem uma outra coisa que eu uso bastante, esse produto que usa pra cozinhar, essa que usa na comida como que é mesmo? Ah... que é o vinagre, o vinagre é uma das melhor coisa pra combater os fungos, o vinagre que não faz mal pra planta nenhuma e nem queima, água de sabão também, é isso que a gente usa sem usar agrotóxico. Todo veneno mata, todos são ofensivos, um com menos carência, outros mais, mas todos matam. Agora, fumo não mata, água de sabão não mata, a pimenta também a gente usa pra combater os vírus, qualquer tipo de pimenta que for “ardosa”. Agora, a plantação a gente aprendeu com os mais velhos a plantar na lua certa, a mandioca por exemplo tem aquela tradição de plantar na lua minguante pra dar o pé pequeno e a raiz grande, é... agora outras planta que ela cresce para dar fruta ela cresce na crescente que é que desenvolve, então tem essas coisas que a gente aprendeu com os mais velhos, tem outras coisas que a gente até guarda o segredo pra gente [João abre um sorriso de quem esconde um segredo], né? mas... [risos] mas tem muitos anos e eu nunca aprendi tudo não tô aprendendo ainda tem muita coisa pra mim aprender daqui pra frente e sempre acreditando em coisas que eu aprendi com meus pais e com os mais velhos. Existe umas sabedorias que são loucuras, uma certa sabedoria é loucura, aquele pessoal que não tinha tecnologia que sabia fazer aquele serviço desde que nasceram há 50, há 70 anos atrás aqueles que são os originais, não precisava nem de remédio pra bater na planta e naquela época não tinha inseto não, não tinha nada nem doença dava nas plantas, e o inseto essas coisas foi depois que veio o remédio, inseticida e outras mais coisas, até eles cria os vírus deles pra gente acabar comprando remédio, eu sei que ele é capaz de fazer isto porque eu sei que antigamente não tinha nada disso, então eles já criam esses insetos pra gente acabar de comprar deles. Mas com a agrofloresta eu aprendi muito como pode manusear como pode trabalhar com ela, tanto na fruta como se pode plantar alface, repolho outras mais coisas no meio daquela agroflorestal, tudo orgânico e dá, e dá de boa qualidade. Então isso aí eu não tenho dúvida, a bananeira ela se adapta nessa região aqui dando cachos graúdos é muito bom.

Verifica-se no relato de João Braz que seus conhecimentos empíricos vão ao encontro ao seu novo aprendizado acerca dos conceitos de agrofloresta, que surgiu para fortalecer modos de produção sem uso de agrotóxicos, comumente chamado pela abreviação “SAF”, que é uma forma de uso da terra na qual se resgata a forma ancestral de cultivo, combinando espécies arbóreas lenhosas, como frutíferas ou madeireiras com cultivos agrícolas e/ou animais. Relata também suas memórias afetivas e de aprendizado com os seus pais no modo de plantar e colher, e também o faz lembrar da Revolução Verde, por ele entendida como “mudanças ruins”.

Introduzida nos anos de 1960 nas áreas rurais do Brasil, a Revolução Verde prometia o aumento drástico de produção de alimentos em larga escala através de modificações genéticas de grãos e uso excessivo de adubos e agrotóxicos para o controle de pragas.

João Braz viveu essa situação, que ocorreu em um momento quando ninguém usava veneno, quando não tinha pragas e tudo era produzido de maneira natural. Subitamente, pôde perceber a introdução de maquinários pesados, uso abusivo de agrotóxicos e iniciativas de uso de tecnologias com objetivo de otimizar os métodos de produção agrícola.

Com seu jeito simples, mas com propriedade, João Braz percebe as mudanças e não acha que foram boas. Porém, com simplicidade que “inventam” insetos para ter que comprar veneno, “inventam” veneno para combater os insetos. Na experiência vivida com João, pude sentir o quão foi bom ouvi-lo, quanta sabedoria adquirida ao longo de sua vida; quando faz suas mudas de jaboticaba, suas experimentações com enxertia do chuchu, parece que conversa com a planta e que ela responde, ao gerar novos brotos indicando qual o próximo passo a seguir, novos brotos, novas mudas e muitos ensaios até chegar na muda ideal que vai resistir a todas as intempéries do clima. Chega a ser poética a sua fala, quando diz que há uma magia na natureza que poucos sabem entender o significado.

Norman Borlang, engenheiro agrônomo que introduziu as novas técnicas da chamada Revolução Verde, trabalhava em parceria com a Fundação Rockefeller, que tinha como slogan da empresa o “fim da fome no mundo”. Hoje, estudos mostram que a Revolução Verde está ligada ao aumento da taxa de natalidade em países subdesenvolvidos, e ao longo do tempo, o aumento demográfico superou o aumento da produção de alimentos. Atualmente, o número de pessoas que passam fome é superior ao número de pessoas nessa situação antes da Revolução Verde.

Seguindo essa linha de pensamento, construo o seguinte questionamento: Quais foram os efeitos da Revolução Verde em relação ao esquecimento dos saberes tradicionais?

Os saberes tradicionais que garantem um desenvolvimento sustentável às comunidades locais. As monoculturas da Revolução Verde trouxeram a ideia de que os saberes tradicionais eram ultrapassados, que só a Revolução Verde traria desenvolvimento através das tecnologias e da ciência, como se pudesse resolver todos os problemas da questão da fome.

Com tudo isso, os saberes tradicionais foram sendo esquecidos, trazendo a ideia de que a ciência tinha que tomar espaço, garantindo as demandas de mercado e gerando lucros através de grandes extensões de plantio e de monocultura. Sem esquecer que esse sistema de objetivos exploratórios da terra trouxeram a desertificação de ecossistemas e o uso excessivo da água para irrigação, dizimando povos e as suas diversidades.

A monocultura em larga escala de produção, tida pela Revolução Verde como a saída para a fome, estrangulou e desprezou os conhecimentos tradicionais com a desculpa de que esses saberes não geram lucro. São muito importantes os saberes que surgiram nas comunidades tradicionais nos

tempos mais remotos, nos tempos milenares. É preciso, portanto, fortalecer a ideia do desenvolvimento sustentável baseado na agricultura familiar, que no Brasil sustenta as mesas dos meios urbanos para que se quebre essa corrente capitalista que sustenta a agricultura *pop*, a agricultura *tech*, a agricultura que não respeita a Mãe Natureza e sua essência.

Para o senso comum, o conhecimento tradicional é um tesouro no sentido literal da palavra, um conjunto acabado que se deve preservar, um acervo fechado transmitido por antepassados e a que não vem ao caso acrescentar nada. Nada mais equivocado. Muito pelo contrário, o conhecimento tradicional reside tanto ou mais nos seus processos de investigação quanto nos acervos já prontos transmitidos pelas gerações anteriores. Processos. Modos de fazer. Outros protocolos. (CUNHA, 2007, p. 78).

Foto 12: João Braz e suas mudas



Foto 13: João Braz na varanda de sua casa



Foto 14: Explicando sobre enxertio



5. A PRÁTICA EXTENSIONISTA SOB UMA PERSPECTIVA CRÍTICA

Nas visitas técnicas realizadas, chegávamos num carro branco oficial da empresa de extensão rural (Emater), de colete personalizado o técnico se apresentava (tradicionalmente os engenheiros agrônomos são chamados de “técnicos extensionistas”, dessa forma a profissão de engenheiro agrônomo é substituída pela denominação “técnico”. Antes de chegar em qualquer propriedade, fazíamos um trajeto pelas estradas do Assentamento, e a sensação era de como se fosse um tipo de “ronda”, para dar uma olhada em geral nas chácaras, quem estava produzindo e quem não estava. Algumas chácaras eram vistosas, com muitas coisas plantadas, tudo verde e bem cuidado, era tempo de chuva, pomares com frutas da estação, a rocinha de milho ou mandioca sempre na entrada, sempre uma casa de madeira enfeitada com um jardim e plantas a florir. Em outras propriedades nada havia, apenas a casa simples e mato em volta, que, segundo o técnico, essas famílias não haviam recebido subsídio bancário e nem realizado o curso de agrofloresta, eram propriedades que ainda não estavam sendo “assistidas”. A simbologia deste “tour” com um carro institucional/oficial passou-me a impressão de uma estrutura de poder entre dominados e dominantes. Essa forma social de se apresentar coloca os atores principais desta pesquisa (técnico e agricultor) em posições diferentes. Há a impressão de relação de forças dentro de um mesmo local, onde os agentes têm condições econômicas e formações escolares distintas. Eles devem competir ou colaborar entre si? A autoridade do técnico (agrônomo) se faz pelo poder de propiciar ou não subsídios, conforme a realidade de cada família e de como se dá a relação entre os pares.

Por isto é que o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa. Os opressores falsamente generosos, tem necessidade, para que sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se da permanência da injustiça. (FREIRE, 1980, p. 31).

No livro *Extensão ou comunicação*, escrito em seu exílio no Chile, Freire (2018a) expõe a relação do papel do agrônomo com o agricultor e faz uma comparação com o professor e o aluno. Essa exposição gira em torno de uma ideia na qual o agrônomo é o grande detentor de conhecimento técnico científico e o agricultor nada sabe. Conforme o autor, na ausência do diálogo, o sentimento de hierarquia é aflorado. A posição do agrônomo fala acima do agricultor, que escuta na posição mais baixa. Essa relação não poderia ser absoluta, já que nenhum pensamento é isolado. Se são seres de diálogos por que então há a extensão? Onde um estende sobre o outro um poder?

Ao estender conhecimento, o receptor (agricultor) se torna estático, passivo, excluído da possibilidade de pensar junto e dialogar. Há o domínio da técnica científica sobre a prática de vida. Nesse caso, a palavra “extensão” é uma barreira entre a ação de escutar e a ação de executar, sem a chance de reflexão.

Não é para ser uma relação de agente policial e suspeito, em que alguém dita o que você vai fazer; não é para usar da ocasião e exercitar o poder sobre o outro. Dar a possibilidade de o outro falar e se expressar é o princípio básico das relações, da comunicação. Só assim haverá educação e troca de saberes.

É extensão rural? Assistencialismo rural? Não. É a possibilidade para que haja diálogo amoroso e respeitoso, fortalecendo a possibilidade de dialogicidade.

O relato do técnico (Engenheiro Agrônomo), Apêndice C, critica sua própria formação no que diz respeito a “aprender mais sobre os saberes populares”, que acha importante criar um elo em que agrônomo-professor possa compreender mais o camponês-aluno. Na grade curricular da academia, fala-se muito pouco sobre “extensão rural”, e que ele sente que os alunos não saem preparados para enfrentar as subjetividades da vida do homem no campo. Ele mesmo faz a autocrítica quando diz que chega com a cabeça voltada para dar a informação técnica e aí o agricultor vem com seus conhecimentos empíricos dando “choque de ideias”, causando certo mal-estar.

Freire (2018a) trata de como se dá a relação do agrônomo com o agricultor quando vão debater qual o melhor modelo para plantar e colher. O campo é a sala de aula, o agrônomo seria o professor e o agricultor, o aluno? O campo é um espaço de educação não formal, onde o agrônomo tem formação acadêmica e a formação do agricultor advém de suas próprias experiências.

É possível que haja uma relação de aprendizagem? A possibilidade para que não haja embate é o diálogo, isso demanda empatia, paciência, humildade e tempo. Mas como transformar essa relação em algo respeitoso e produtivo sabendo que um quer ensinar e o outro, aprender? Do ponto de vista do “professor-agrônomo” “tempo é dinheiro”, e não se pode perder tempo em começar a produzir. Não se pode considerar perder tempo para a prática do diálogo, onde o aluno-camponês precisa falar das suas experiências e de como é a realidade da sua propriedade, qual é a disponibilidade econômica que ele deseja ter e quais são as possibilidades que ele realmente possui. Como estabelecer diálogos sobre assuntos técnicos que não são de conhecimento do agricultor? A solução seria a escuta sensível por parte do técnico (agrônomo) e a proposição de uma problematização da realidade concreta do agricultor para então decidirem juntos qual a melhor maneira de corrigir, melhorar ou transformar (FREIRE, 2018a).

Freire (2018a) critica a postura de técnicos (agrônomos) quanto à insensibilidade da postura desse profissional ao falar como se ele estivesse ditando fórmulas químicas cheias de complexidade sem se importar se o receptor (agricultor) irá compreender. O desejo dos técnicos é que o receptor memorize as fórmulas prontas e aceitem passivamente sem questionamentos. É necessário que se discuta uma maneira compreensível, fazendo demonstrações lógicas concretas para que o receptor das informações possa transferi-las para uma prática real e entendível.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao acompanhar as visitas técnicas no Assentamento Canaã, ficou estabelecido para mim que o técnico (agrônomo) possui conhecimento técnico científico para orientar a produção em escala, com o único objetivo de gerar lucro, renda e registros institucionais por meio de relatórios que justifiquem o atendimento a campo. É possível identificar e sentir que o agrônomo sabe da importância do conhecimento tradicional que o agricultor tem, mas que este conhecimento não foi enfatizado na sua formação acadêmica, e também não é cobrado ou exigido da sua instituição (Emater) a valorização dos conhecimentos tradicionais. O que vale a cada profissional é a prática da escuta sensível aos conhecimentos tradicionais herdados pelos agricultores.

Ficou claro no relato do técnico extensionista que o curso de Agronomia não oferece a formação em relação aos conhecimentos e valorização cultural de comunidades tradicionais.

Entendo que a valorização e aplicação no campo dos conhecimentos das comunidades tradicionais por parte dos profissionais das Ciências Agrárias ainda é utopia. Atender a inúmeras demandas e ter, além de habilidades agronômicas como: criatividade, dialogicidade, escuta sensível e didática. Com isto, tornam-se profissionais distantes do perfil que se precisa para se trabalhar com a Agricultura Familiar, inseridos numa instituição com estrutura organizacional rígida e viciada faz dele ainda um técnico fiscalizador, que notifica irregularidades, tornando-se incompatível com a realidade e dificultando o desenvolvimento das famílias assentadas. Sendo assim, as velhas práticas em extensão continuam, e isto precisa mudar, adotando uma linguagem atual e participativa.

Por outro lado, o curso de Agrofloresta deu início à otimização no uso do solo das famílias, aliando produção de espécies arbóreas de rápido crescimento e alimentos num mesmo espaço, minimizando o uso do solo para produção agrícola.

Para a realidade do Assentamento Canaã, onde a terra é degradada, o SAF exigiu investimento baixo e com seu potencial de regeneração rápida reestrutura o solo através das raízes das árvores, aumentando matéria orgânica e umidade do solo. Dessa forma, esse sistema permitiu integrar os conhecimentos técnicos do extensionista e os conhecimentos tradicionais das famílias ali fixadas. Destaco também a importância econômica que trouxe às famílias visitadas, pois a Agrofloresta produz lenha, fornece madeira, frutos diversos e o cultivo de variadas espécies de folhas, tubérculos e grãos, gerando fonte de renda rápida porque as espécies adotadas são de ciclo curto. Em todas as propriedades visitadas havia alimentos sendo colhidos, e o excedente era trocado ou vendido. Esta experiência mostrou-se economicamente viável por serem propriedades pequenas. Já o Técnico, admitiu que é necessário dar mais valor e voz aos “conhecimentos populares” (em suas palavras), e que os conteúdos curriculares futuramente estejam mais inclinados para ensinar metodologias

participativas, que tenha vivência prática nos estágios obrigatórios e que o mais difícil é desenvolver habilidades educativas.

REFERÊNCIAS

- ABRÃO, J. A. A. Concepções de espaço geográfico e território. **Sociedade e Território**, Natal, v. 22, n. 1, p. 46-64, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/sociedadeeterritorio/article/download/3490/2803>. Acesso em: 14 jun. 2019.
- ANDRADES, T. O. de; GANIMI, R. N. Revolução Verde e a apropriação capitalista. **C E S Revista**, Juiz de Fora, v. 21, p. 43-56, 2007. Disponível em: https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2007/revolucao_verde.pdf. Acesso em: 14 jun. 2019.
- ARMANDO, M. S. *et al.* Agrofloresta para agricultura familiar. Embrapa - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2002. Folheto. <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/184803/agrofloresta-para-agricultura-familiar>. Acesso em: 1º ago. 2019.
- BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 27 dez. 1961. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 14 jun. 2019.
- BRASIL. Medida Provisória nº 2.186-16, de 23 de agosto de 2001. Regulamenta o inciso II do § 1º e o § 4º do art. 225 da Constituição, e os arts. 1º, 8º, alínea "j", 10, alínea "c", 15 e 16, alíneas 3 e 4 da Convenção sobre Diversidade Biológica, dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado, a repartição de benefícios e o acesso à tecnologia e a transferência de tecnologia para sua conservação e utilização, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 24 ago. 2001. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/medpro/2001/medidaprovisoria-2186-16-23-agosto-2001-389646-norma-pe.html>. Acesso em: 14 jun. 2019.
- BRASIL Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 25 jul. 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm. Acesso em: 14 jun. 2019.
- BRASIL. Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 07 fev. 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 14 jun. 2019.
- BRASIL. **Plano de Manejo da APA Bacia do Rio Descoberto**. Ministério do Ambiente. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Brasília, 2014, p. 1-313. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-planos-de-manejo/apa_bacia_do_rio_descoberto_pm_encartes_12_e_3.pdf. Acesso em: 14 jun. 2019.
- BRASIL. Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015. Dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**,

Brasília, 20 maio 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113123.htm>. Acesso em: 14 jun. 2019.

CARTA do Cacique Seattle. **Ensino propulsor**, São Leopoldo, [20--]. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/ensino-propulsor/carta-do-cacique-seattle/>>. Acesso em: 18 dez. 2019.

COMISSÃO Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (CNAPO). Disponível em: <<http://www.agroecologia.gov.br/quem-somos/cnapo>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

CUNHA, M. C. da. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. **Revista USP**, São Paulo, n. 75, p. 76-84, set./nov. 2007.

FERNANDES, B. M. A territorialização do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - Brasil. **Revista NERA (UNESP)**, v. 1, n. 1, p. 2-44, 1998. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1495>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

FERNANDES, B. M. **Brava gente** – a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. (uma entrevista com João Pedro Stedile). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

FERNANDES, B. M. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018a.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 56. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018b.

GUAJAJARA, S. **História de vida**. Programa Liderar – IEB, p. 1-7, [201-].

MACEDO, J. L. V. de. Sistemas agroflorestais: princípios básicos. Embrapa - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2002. Folheto. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/669177/sistemas-agroflorestais-principios-basicos>>. Acesso em: 1º ago. 2019.

MARTINS, E. de S. *et al.* O conhecimento tradicional sobre plantas melitófilas em comunidades rurais do município de Sigefredo Pacheco, Piauí. **Revista Verde**, Pombal, v. 12, n. 3, p. 580-589, 2017. Disponível em: <<https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/RVADS/article/view/4408/4662>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

MUNARI, L. C. **Memória social e ecologia histórica**: a agricultura de coivara das populações quilombolas do Vale do Ribeira e sua relação com a formação da Mata Atlântica local. 2009. 217f. Tese (Doutorado) – Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PENEIREIRO, F. M. **Sistemas Agroflorestais dirigidos pela sucessão natural**: um estudo de caso. 1999. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo, Piracicaba, SP, 1999. Disponível em: <http://www.agrofloresta.net/static/artigos/tese_fabiana_peneireiro.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevista Agricultor

Universidade de Brasília (UnB)

Local do Trabalho de Campo: Assentamento Canaã - Brazilândia-DF

Período das realizações das entrevistas: outubro de 2018

Elaboração: Laylyee Paula Galvão

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Tereza Reis

Entrevistador(a): _____

Data: __/__/__

ROTEIRO GERAL

1. Elementos de identificação do entrevistado:

Nome: _____

Sexo: (...) Feminino (...) Masculino

Naturalidade: _____

Idade: _____

Grau de Escolaridade: _____

2. Trajetória do assentado no Assentamento:

Há quanto tempo mora no Assentamento?

Onde morava antes de adquirir seu lote no Assentamento?

Quais culturas você desenvolve no seu lote?

APÊNDICE B – Modelo Entrevista Técnico Extensionista

Universidade de Brasília (UnB)

Local do Trabalho de Campo: Assentamento Canaã - Brazlândia/DF

Período das realizações das entrevistas: outubro de 2018

Elaboração: Laylyee Paula Galvão

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Tereza Reis

Entrevistador (a): _____

Data: __/__/__

ROTEIRO GERAL

1. Elementos de identificação do entrevistado:

Nome: _____

Sexo: (...) Feminino (...) Masculino

Naturalidade: _____

Idade: _____

Formação: _____

Possuí alguma especialização?

2. Trajetória do técnico no Assentamento:

Há quanto tempo fornece assistência no Assentamento?

Conhece o conceito de “conhecimento tradicional”?

Qual importância do conhecimento empírico do agricultor ao planejar uma cultura?

Alguma vez já concluiu que o conhecimento empírico do produtor para algumas culturas é igual à recomendação técnica?

Alguma vez já concluiu que o resultado final da produção baseado em conhecimento empírico é satisfatório para produção de alimentos?

Você tem recordação de conhecimentos agro aprendidos com seus familiares?

Se sim, quais? _____

Em alguns casos recomendaria somente o uso empírico do agricultor para produção de alimentos?

Em alguns casos estimulou o conhecimento empírico ao invés da recomendação técnica?

Quais? _____

Já recebeu capacitação técnica para valorização de conhecimentos tradicionais?

APÊNDICE C – Entrevista Técnico Extensionista

ARNALDO: [...] Ele (o agricultor) tira um pouco pra subsistência dele e comercializa a outra parte né? São lavouras de ciclo rápido então ele consegue capitalizar todo ano, vendas de galinha, cabrito, coelho.
ENTREVISTADORA: Dentro do Assentamento você conseguiu perceber algo no sentido de: tem famílias que são homens no comando e outras famílias que são mulheres?
ARNALDO: Geralmente são mais mulheres, na Agricultura Familiar.
ENTREVISTADORA: Será que por causa da propriedade estar no nome da mulher?
ARNALDO: É; o INCRA inicialmente assenta a mulher, né? O título vem primeiro no nome da mulher, a maioria das famílias é a mãe solteira, a mulher divorciada ou viúva.
ENTREVISTADORA: A maioria é assim?
ARNALDO: Grande parte.
ENTREVISTADORA: Entendi.
ARNALDO: No caso do Assentamento Canaã eu não diria a maioria, mas dos assentados que eu já convivi, você vê muito mulher solteira, é assentada tem três, quatro, cinco, seis filhos; o marido ou morreu ou largou ou foi embora. Aí a parcela é dela então, a maioria das famílias de agricultura, você vai ver a mulher no comando.
ENTREVISTADORA: Eu percebi a postura do rapaz na qual fiz a visita ontem, aquele o vizinho do João Braz, o dia em que a família toda estava plantando milho inclusive com as crianças gêmeas que estavam no carrinho de bebê no meio da plantação, do chão sulcado, então ele me falou: “Olha, o certo é você falar com a minha esposa que ela que é a dona daqui do lote.” Então ele passou a competência de conversa comigo para ela, mas quem planta é ele. Então ele coloca a esposa na frente.
ARNALDO: É, exatamente, geralmente você vai ver esta relação, a mulher encabeçando e os homens às vezes trabalha fora e nas horas vagas tá ajudando ali.
ENTREVISTADORA: Qual é a sua formação?
ARNALDO: Engenheiro Agrônomo.
ENTREVISTADORA: Você sempre trabalhou na área de extensão?
ARNALDO: Como agrônomo sim, entrei na EMATER pra trabalhar com extensão rural.
ENTREVISTADORA: Como é o seu nome completo?
ARNALDO: Arnaldo Augusto da Silveira.
ENTREVISTADORA: Qual a informação que você acha importante apontar sabendo do tema da pesquisa?
ENTREVISTADORA: O que você achou? É legal? O que você faria e não faria?
ARNALDO: Ah... Ah... Eu vou frisar que esse tema que você pegou eu acho que é de suma importância, quando a gente estuda, quando tá na faculdade e vai fazer matéria de extensão rural a gente vê um pouquinho disso aí né? De saberes populares, tem a utilidade tem a aplicação né? A gente vê que tem resultado, mas isso não é muito estudado na academia, igual eu falo pros agricultor: qual a lua mió pra plantar? Isso aí a gente não estuda, isso aí são saberes populares eu acho que é uma informação importante e tem que ser resgatados, acho legal esse tema que você pegou para fazer o estudo, vai resgatar esses conhecimentos populares eu acho que tinha que tocar pra frente, jogar isso aí como matéria de disciplina na universidade assim como no curso de agronomia a gente faz essa disciplina de extensão rural, essa fala do saber popular seria mais um elo de ligação da gente com o agricultor, a gente já chega com a cabeça de técnico de universidade, de nível superior né? E o cara vem daquela cultura popular, então tem choque de ideia ali (ele bate com uma mão nas costas da outra e contra a outra, simbolizando uma discussão) a conversa fica difícil e quando ah... se tivesse essa disciplina melhoraria a disciplina como extensão rural, talvez tivesse lá o módulo 1, o módulo 2 se botasse isso aí dentro da disciplina de extensão rural e fortalecesse isso, já facilitaria <i>pu</i> cara quando ele formasse, quando ele for trabalhar na extensão rural, porque que nem todo agrônomo que forma vai trabalhar na extensão rural né? A maioria fica ali vendendo vai trabalhar em lojas de insumo agrícola ou prestar assistência, mas em algum momento da vida dele ele vai dar assistência pro agricultor familiar, mesmo porque o mercado do grande agricultor, os cara grande é pequeno.

APÊNDICE D – Fotos

